

Ricardo Jorge
Professor

As invenções e reinvenções de quem bebe de diversas fontes e constrói seu próprio caminho

Desde a invenção da linguagem, usamos categorias pra explicar pessoas. Gostamos de acreditar que a profissão, a religião e a posição política, por exemplo, nos dão uma boa ideia prévia de como são os outros. Mas Ricardo Jorge de Lucena Lucas é um caso mais complicado. Resumi-lo qualquer um desses pontos seria criminoso: Ricardo resiste a simplificações, usando rótulos como um cientista maluco, sempre tentando inventar uma nova versão de si mesmo.

Desde jovem, o paulista filho de pernambucanos vem transitando entre espaços dos mais diversos, dos amigos punks do antigo colégio Roldão à "vibe jesuíta" do Colégio Santo Inácio, onde estudou quando veio para Fortaleza; dos movimentos sindicais às colunas sociais onde trabalhou nos primeiros momentos profissionais; das explicações zodiacais que menciona quase de brincadeira à prática zen que começou a explorar recentemente. A história de Ricardo lembra a de um navio mercante, fazendo trocas de porto em porto sem firmar âncora por muito tempo, mas levando consigo em cada partida algo que lhe parecia valioso.

Há estabilidades na vida de Ricardo, é claro, tamanhas que, por certas perspectivas, ele pode parecer um sujeito bem simples. O professor-doutor Ricardo é uma faceta forte e constante, repleta de opiniões firmes sobre o estado da academia e sobre os trabalhos que lhe são especiais. O Ricardo homem de família é notável: seja na condição de irmão mais velho de Meize Regina e Mônica Cristina, seja na condição de pai de Laila e Sofia, seja na relação de três décadas que mantém com Neila, ele é uma figura afetuosa, tranquila e relativamente liberal, rejeitando um papel mais autoritário em favor de algo mais humano.

Mas, com essas exceções de lado, a vida de Ricardo é surpreendentemente livre de grandes e firmes apegos. As paixões que normalmente surgem na infância e certas

vezes seguem até a vida adulta, sendo abarcadas numa identidade *geek*, não parecem ser aplicáveis ao professor. Ricardo ama os quadrinhos, ama a música, ama o rádio, mas não pode ser definido como amante de quadrinhos, ou amante de música, ou amante de rádio. Por outro lado, fontes de identidades mais tipicamente adultas, como a política ou a religião, são vistas com certo desencanto por Ricardo, ao mesmo tempo em que ele não faz a mínima questão de se desvencilhar delas por completo, se posicionando como um apolítico ou alguém sem interesses em questões espirituais. As instituições, os lugares, as épocas e as coisas materiais que fazem parte da vida dele são partes de um todo muito mais vibrante.

E, ainda assim, não seria correto dizer que Ricardo seria o mesmo sem o rádio, ou a música, ou os quadrinhos, ou a desconfiança com certas instituições. O que mais parece definir Ricardo é como ele recupera esses espaços ao bel-prazer. Ao imitar Fiori Gigliotti no meio de uma conversa sobre futebol de botão, ao falar sobre as linhas cinéticas dos quadrinhos que lia na infância, ou mesmo ao explicar por meio da astrologia dinâmicas da relação com Neila, ele recupera todos os Ricardos do passado para enriquecerem a própria vida novamente.

Há um preceito zen, citado pelo próprio Ricardo na entrevista, que diz: "Se você encontrar o Buda no seu caminho, mate-o." É uma frase forte, representativa de uma necessidade de não se apegar aos mestres, aos momentos, às coisas. Mas vale a pena lembrar que a morte, no budismo, é sempre seguida a uma ressurreição. Ricardo segue pela vida, matando o que bloqueia o progresso dele, mas basta um piscar de olhos e tudo isso volta à vida, por imitação, por citação ou por simples memória. É mais um desembarque do navio mercante, de certo modo: mais leve fica ele, e mais ricos ficamos todos nós.

Equipe de Produção:
Ingrid Pedrosa
Maurício Xavier

Entrevistadores:
Alana Lins
Amanda Fontenele
Ingrid Pedrosa
Karine Nascimento
Maurício Xavier
Rafael Queiroz
Rosilene Serafim (Rose)
Ruth Lene
Sarah Yarina
Thais Norões

Texto de abertura:
Maurício Xavier

Fotografia:
Marcelo Monteiro



Entrevista com Ricardo Jorge, dia 27 de setembro de 2016.

Maurício – Ricardo, no nosso processo de produção, fazendo pré-entrevista com você, nós tivemos a impressão de que você estava meio receoso de fazer esta entrevista pra revista. Procede?

Ricardo – De certo modo, sim. (*risos*) Não, é porque é meio estranho você... Sei lá, passa 20 anos da sua vida falando pros alunos como é a prática jornalística, falando questões ligadas à entrevista, como você se comportar diante das fontes, e, de repente, você se vê do outro lado. É meio...

Não é usual, não é comum. A gente fica um pouco temerário, né? Não dá pra pensar em termos de: "Ah, é só um exercício da cadeira do Ronaldinho" (*refere-se ao professor Ronaldo Salgado*); não é, é uma atividade que tem uma história dentro da cidade, dentro do curso, é muita responsabilidade, não é? Então, todas as bobagens que eu disser aqui vão ser repercutidas, comparadas com outras pessoas que falaram outras besteiras, ou não tão besteiras, né? E tem um peso considerável.

Ingrid – Você nasceu em São Paulo, e veio pra cá na adolescência...

Ricardo – Me vieram (*risos*)

Ingrid – É (*risos*). Qual é a sua primeira lembrança de São Paulo?

Ricardo – Primeira lembrança de São Paulo, você quer dizer a mais antiga?

Ingrid – A mais antiga.

Ricardo – Era a casa em que eu morava lá em algum canto entre a Mooca, Vila Prudente (*bairros da zona Leste e Sul da cidade de São Paulo, respectivamente*), que eram aquelas casas à moda antiga, né? Garagem, a casa no fundo, corredor do lado, área de serviço, quintal lá atrás... Lembro de muito livro na minha casa, que o meu pai (*Valdomiro Lucas da Silva*) sempre comprou muito livro, então sempre teve estantes acompanhando, e... Era uma rua pacata, tranquila... É a lembrança mais antiga que tenho. Não sei a partir de que idade, enfim, essas coisas a gente não tem como recordar. Mas é a mais antiga, eu acho. Não sei.

Rafael – Você tinha liberdade de brincar na rua... Como era a questão da violência na época?

Ricardo – Cara, quando você nasce e cresce em São Paulo, parece que já vem dentro de um pacote, um kit, o discurso da

violência. Cresci ouvindo casos, do cara da mala preta (*refere-se a um crime praticado contra a esposa por um imigrante italiano em 1928*), outros maníacos e coisas do gênero. Depois eu morei num prédio na Vila Mariana (*bairro da zona Sul de São Paulo*), mudei pra lá em 1975, a rua só tinha dois quarteirões, passava eventualmente um ônibus, uma linha de ônibus, e tinha um descampado enorme do outro lado. Eu não parava em casa, descia todo dia com os amigos, quando fazia ou não a lição de casa, ia brincar, garagem, tocar a campainha dos vizinhos, essas coisas bem básicas, e muita gente ia pra esse descampado da rua, e vivia largado de certo modo, mesmo sendo em São Paulo, mesmo já tendo essa ideia, esse discurso de "A cidade é perigosa", não-sei-quê... Lógico que já faz 30, 40 anos, muita coisa muda, né? Quando eu passei na rua, há uns dois, três anos, indo pra São Paulo, não tinha mais descampado, era um monte de prédios, tinha uma outra estação do metrô bem perto, tinha engarrafamento na rua, coisa assim...

Alana – Ricardo, a gente leu no material de produção que você estudou no Colégio Roldão (*Escola Estadual Professor Roldão Lopes de Barros*). E você fez uma brincadeira dizendo que o ditado do colégio era "Entra burro e sai ladrão". E eu quero saber se isso era só uma brincadeira que faziam ou se realmente havia casos de alunos que entraram pra criminalidade, e se você chegou a presenciar isso.

Ricardo – Eu só descobri isso depois, quando entrei no Orkut, alguns anos atrás, procurando, comunidades: "Será que eu encontro alguém dos meus tempos de colégio?" No Orkut tinha a página dos ex-alunos da Escola Estadual Professor Roldão Lopes de Barros, os famosos alunos da escola "Entra burro e sai ladrão". Na verdade, como era uma escola do Estado, você tinha uma diversidade de pessoas muito grande. Você tinha o filho do cara que trabalhava em novela do SBT, tinha o filho do cara que era comentarista de futebol na Rádio Globo, tinha o filho da empregada doméstica, você tinha uma heterogeneidade de personagens bastante considerável dentro da escola, não é como hoje. A gente vê as escolas privadas onde as minhas filhas estudam, onde é todo

Durante o processo de escolha dos entrevistados, o nome do professor Ricardo Jorge foi o primeiro a completar os cinco votos necessários para ser escolhido.

O nome de Ricardo Jorge foi sugerido por um dos membros da equipe de produção, Ingrid Pedrosa. Esta foi a única sugestão dela.

Ingrid sugeriu o nome de Ricardo em parte por querer contar a história da Oficina de Quadrinhos depois da aposentadoria do professor Geraldo Jesusino.

mundo branco, lindo, vai de carro à escola, volta de carro pra casa... Então, a escola pública na época era realmente uma espécie de microcosmos da sociedade. Você convivia com o cara que tinha tênis da última moda – “Ah, papai trouxe da Galeria Pajé da 25 de Março, ou lá da ponte na fronteira com o Paraguai, em Foz do Iguaçu” – e tinha o cara filho de empregada que usava o velho Conga, o velho Bamba, nunca ia saber o que que era um Adidas. E você convivia normalmente, dentro daqueles padrões do que que é um relacionamento com criança... Bullying ainda não existia como conceito mas existia como prática, obviamente, né? Não me lembro de casos assim... Lógico que por ser uma escola estadual, tinha todo tipo de gente, né? Não vou apontar ninguém e dizer: “Olha, alguém saiu daqui ladrão efetivamente, ou continuou só burro mesmo”, tá? (risos)

Karine – Além dessa diferença comportamental, quando você saiu do colégio Roldão pra cá (em Fortaleza), pro colégio Santo Inácio, o ensino mesmo tinha muita diferença?

Ricardo – Não. Quando eu cheguei aqui, muita gente dizia: “Ai, tadinho, veio de escola pública, vai sofrer, não sei que, o colégio Santo Inácio...” Na época o Santo Inácio era como é mais ou menos hoje o Santa Cecília (colégio de classe média-alta, localizado no bairro Aldeota, pertencente à congregação belga Instituto das Damas da Instrução Cristã), de certo modo. Tinha um padrão considerado dentro da cidade, né? Não vi grandes diferenças. Nos anos 70 e 80, o ensino, pelo menos lá em São Paulo, eu não senti grandes diferenças em relação ao Santo Inácio aqui. Não sei em relação ao ensino público aqui de Fortaleza. O meu choque maior com o Santo Inácio não foi do ponto de vista de conteúdo de matérias, de



Como Ingrid sugeriu o nome de Ricardo, foi escolha clara para ser uma das produtoras. O segundo produtor, Maurício Xavier, também foi fácil de decidir.

disciplinas, foi comportamental mesmo, né? Lá na escola em São Paulo eu convivia com várias tribos, inclusive algumas pessoas adeptas do movimento *punk*. Lá pra 81, 82, começou a ficar legal em São Paulo riscar a calça, botar nome de banda, rasgar, desenhá-la, fazer qualquer coisa, e aí eu: "Legal". Legal que você lavava a calça, saía toda a tinta e depois começava a desenhar de novo na calça. Você reciclava a calça e fazia com ela várias estampas diferentes. Quando eu cheguei aqui, que tentei fazer a mesma coisa no Santo Inácio, me senti um ET: "O que esse cara tá fazendo aqui com essas calças rasgadas?" Então, eu sei que houve um estranhamento duplo, as pessoas não entendiam aquele cara com um sotaque meio estranho, com aquela calça meio estranha, e eu também não entendia por que as pessoas olhavam pra mim, né? Porque era tudo muito novo pros dois lados. Mas depois as coisas foram se aquietando, voltei a usar calças não rasgadas e não riscadas, pro bem de todo mundo.

Amanda – A gente leu no material de produção que, quando entrou no Santo Inácio você não era católico praticante, não ia pra missa, não sabia nem rezar direito...

Ricardo – Sempre rezei de carona. As pessoas rezam e eu vou de carona. (risos)

Amanda – Com esse pouco contato com a Igreja Católica, como foi estudar num colégio que é todo voltado pro catolicismo?

Ricardo – Tinha uma coisa legal no Santo Inácio que era a *vibe* jesuíta. O pensar o mundo do ponto de vista jesuíta é um pouco mais interessante do que as escolas de freira e coisa do gênero, né? Mas eu sempre tive, desde São Paulo, um *bode* muito grande com a coisa da religião, acho que eu fui mal orientado, não sei. Minha família nunca foi de frequentar a igreja, pra começo de conversa. Minha mãe é católica não praticante, e quando eu *tava* tentando fazer primeira comunhão em São Paulo, lá pros lados do Cambuci, Jardim da Glória (*bairros do Centro de São Paulo*), lá na igreja, eu vi alguém falando em, sei lá, carneiros voando, achei muito psicodélico aquilo ali. "Mãe, me tira, pelo amor de Deus, tem um homem maluco falando ali que carneiros voam". Não sei se eu era muito tonto, não entendi a metáfora. E ela: "Não, se você não quer ir, não vá, tudo bem".

Então, eu cheguei ao Santo Inácio sem ter feito primeira comunhão, sem saber rezar, sem ser católico praticante, ficava aquela coisa meio estranha. Em 1983, o Papa João Paulo II estava muito doente, e o coordenador da sala: "Olha, vamos rezar aqui pela saúde do papa. Vamos começar com

esse rapazinho aqui que chegou agora, vamos rezar". Eu: "Olha... Eu não sei rezar". "Ô, coitado, não teve oportunidade, né? Depois a gente resolve isso" Como depois a gente resolve isso? Eu fiquei meio assustado. A escola arranjou um padre lá pra conversar comigo, passou dois anos tentando me convencer como era bom fazer a primeira comunhão, seguir os preceitos, não sei quê. "Não, mas não rola... Quando eu quiser eu vou, mas não agora". Assim, conversava na sala dele, ficava de boa, era até bom porque não estava assistindo aula, estava conversando com ele, gastando o tempo de um modo diferente, era até interessante, a gente discutia, filosofava, mas ele não conseguiu me convencer. Não sei se ele ficou chateado ou não.

Então, o catolicismo nunca foi algo que determinou minhas ações, meus pensamentos, minhas noções sobre o mundo, nada, sabe? O que não quer dizer também que eu seja um ateu fervoroso, porque também não me considero ateu. Eu não tenho esse tipo de visão de... Ser tão materialista assim. Talvez o mais correto seria dizer assim: eu tenho muitos motivos pra não crer, mas também não tenho motivos muitos pra crer. Então, na dúvida, deixa ir levando, vamos ver o que acontece. Ainda que eu ache que a religião seja algo fundamental na vida das pessoas, tá? E respeito quem tem seus credos, desde que as pessoas também respeitem o meu credo, minha falta de credo, ou o meu meio-credo, ou o que quer que seja efetivamente. Mas não, o Santo Inácio não deixou... Se deixou alguma marca, foi pra me ressaltar a convicção de que eu não estava preparado pra uma vida religiosa, nem sei se eu estou efetivamente. Apesar de ter duas filhas estudando no Santa Cecília.

Maurício – Ricardo, você fez um semestre de Letras, acabou entrando no Jornalismo no meio do ano. Como foi esse processo de decisão pelo curso de Jornalismo? O que o motivou a fazê-lo?

Ricardo – Foi o mais troncho possível, né? Ainda que eu me lembre que ainda em São Paulo, na época do Roldão, eu tive minha primeira iniciação jornalística, por assim dizer. Lá por 1977, 78, não sei, o professor pediu pra gente entrevistar: "Entreviste alguém que você queira entrevistar, famoso". Entrevistar alguém famoso em São Paulo não é, relativamente, tão difícil. No supermercado que tinha lá perto de casa, a Gretchen (*cantora brasileira*) ia lá fazer compras, no Barateiro. "Ai, a Gretchen". Quando a bunda *tava* durinha ainda, né? E eu já era corintiano: "Ah, eu vou entrevistar alguém lá no Corinthians. Mãe! Eu vou lá no

Ingrid e Maurício são namorados desde o primeiro semestre do curso, e fazem juntos quase todos os trabalhos que podem ser feitos juntos.

Os pais de Maurício, Ana Maria e José Maurício, se conheceram no mesmo curso de Jornalismo, e fizeram, junto com a turma deles, a Revista Entrevista nº4.

A mãe de Maurício era colega de escola de Ricardo no Colégio Santo Inácio, mas eles não andavam com as mesmas pessoas e não têm muitas lembranças um do outro.

“Todas as bobagens que eu disser aqui vão ser repercutidas, comparadas com outras pessoas que falaram outras besteiras, ou não tão besteiras, né?”



Corinthians!” “Tá, meu filho. Sabe como é que chega?” “Sei”. Apesar de a cidade ser perigosíssima, fui no ônibus lá pra Penha sozinho, sem ninguém, com o gravador na mão. Cheguei ao Parque São Jorge (*sede do Sport Clube Corinthians Paulista*), “Olha, sou do Colégio Roldão”, não sei que lá, e entrevistei na época o Wladimir (*Wladimir Rodrigues dos Santos, lateral esquerdo do Corinthians entre 1972 e 1985*). Três, quatro perguntas tronchas, sei que eu poderia ter entrevistado muito mais, mas, enfim. Ele chegou na grade ali no campo, respondeu, foi legal. Entrevistei um ator que morava no prédio que eu morava, o qual trabalhava no SBT. Enfim, e foi uma das minhas únicas experiências como “jornalista”, por assim dizer, quando eu era moleque. Mas eu gostava muito de matemática e tinha uma facilidade pra matemática. Um dos meus primeiros ganha-pão foi como professor particular de matemática...

Ingrid – Isso ainda na adolescência?

Ricardo – É, no Santo Inácio, ali com 15, 16 anos. Ah, você dava meia hora, uma hora de aula estudando sistema de equação, inequação, coisas que são bestas na matemática, mas sempre tem um tonto que não sabe, e as pessoas pagavam pra dizer o que você já sabia pra quem não sabia. Mas a própria escola em algum momento (*propôs:*) “Olha, você não quer, temos um aluno aqui com problema, a gente lhe paga”. Mas é muito

chato, você ensinar matemática pra quem não tem nenhum jeito pra matemática é muito chato, cansa, não entra. E, no terceiro ano, numa dessas aulas de Redação, o professor Edson, que era uma pessoa muito ponderada, muito nobre, por assim dizer, pegou uma redação minha – eu estava quase crente que eu ia fazer vestibular pra Matemática – disse: “Olha, meu querido, você escreve tão bem. Você não acha que devia fazer Comunicação?” “O senhor acha?” “Acho.” “Então tá.” E fui fazer vestibular pra Comunicação.

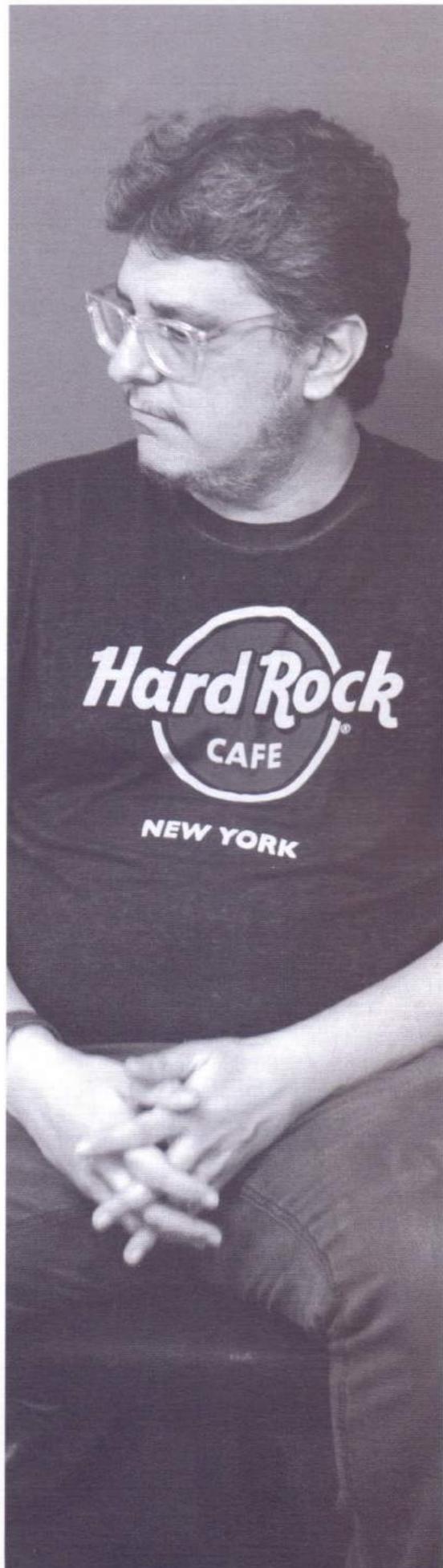
Gostava muito de rádio também... Cresci não só ouvindo o que era na época a grande trinca dos locutores esportivos de rádio, Fiori Gigliotti, Osmar Santos e José Silvério. Nos jogos de botão imaginários você ficava jogando sozinho e ficava imitando cada um deles, “Ah, você é o Fiori Gigliotti, você é o Osmar Santos, vai lá, garotinho...” (*imitando Osmar Santos*), enfim. E gostava muito de FM também, ouvia muito *Rádio Cidade*, *Jovem Pan*, na época em que tocavam coisas bem legais, bem mais legais do que o que se toca hoje, bem mais alternativas, de certo modo. E o rádio sempre me fascinou. Tinha uma coisa que eu gostava também era de rádio de pilha, dormir com o rádio do lado do travesseiro, dormir com o rádio ligado... Ainda quando eu era muito moleque eu achava estranho: “Como é que as pessoas cabem dentro do rádio?” Não tinha ideia do

Apenas dois dos dez entrevistadores eram nascidos quando a *Revista Entrevista* foi iniciada. Rafael Queiroz, nascido em 1991, e Ruth Lene, nascida em 1992.

som se propagando, nada dessas coisas. As crianças geralmente queriam saber como é que as pessoas estavam dentro da TV, eu queria saber como é que as pessoas estavam dentro do rádio. Como é que cantava, como é que, enfim, pensava que tinha formiguinhas, homúnculos, enfim.

Karine – Ricardo, no próprio material de produção você falou muito dessa importância do rádio, que você gostava muito de ouvir. Você tem uma mania de imitação muito grande. Isso é do rádio, é desse hábito de ouvir rádio?

Ricardo – De certo modo, sim. Nos anos 70, a Jovem Pan tinha aquele esquema de: “Ah, vamos transmitir futebol na FM enquanto passa a *Voz do Brasil*, o programa do MOBREAL” (*Movimento Brasileiro de Alfabetização*), que tinha, então de sete às 20h30min porque era determinação do governo, e a AM tinha de passar o programa do MOBREAL, que era um programa de alfabetização, de escolarização pras pessoas – você não consegue imaginar como é que era, já tinha esquecido disso também. E a FM, como era a rádio *cool*, com um público elevado, de posses, de bom gosto, não precisava transmitir o MOBREAL. A AM era pra pobre, a FM era pra rico. E a Jovem Pan começava a transmitir o futebol na FM, depois ia pra AM, depois do futebol tinha um programa de humorismo, os humoristas Sangirardi (*Estevam Sangirardi, radialista*) e outros faziam imitações de personagens, né? Imitavam o são-paulino, o santista, o corintiano, o palmeirense. E tinha aquela coisa do corintiano “Ôrra, meu! Vou ver jogo do Curíntia lá, meu. Vamo arrebutá!” Tinha o são-paulino, que era uma coisa meio: “Ah, vou ver um jogo do meu São Paulo, só vou de carro, sou uma pessoa muito refinada, muito fina”, e eu achava legal essas coisas. Faziam radionovela, com os personagens de novela, com o Tarcísio Meira (*ator*), com os políticos, “É, Paulo Maluf, realmente” (*imita a voz de Paulo Maluf, político paulista*). Eu achava legal: “Cara, isso é muito bacana”. Porque o rádio só tem uma matéria-prima



“Você não escolhe o objeto, o objeto que escolhe você. (...) De algum modo aquilo ali lhe convida, e você aceita o convite.”

Nenhum dos produtores fez a cadeira de Ricardo do sexto semestre, Técnicas de Investigação Jornalística. Os dois fizeram a cadeira da professora Júlia Miranda (entrevistada pela revista na edição nº 31), Pesquisa em Comunicação.

Com o nome decidido, restava contatar Ricardo. Maurício tinha o telefone de Neila Fontenele, esposa de Ricardo, de um trabalho antigo, e fez o contato por meio dela.

Ricardo ficou bem surpreso ao saber que tinha sido escolhido para a revista, e disse, sem saber quem tinha sugerido o nome dele, que "deve ser uma pessoa insana".

pra trabalhar, que é o som, né? E a ideia, depois de descobrir que muitas vezes eram duas ou três pessoas só que faziam várias vozes, vários personagens, isso é muito legal... Tanto que eu digo e digo que, se eu não fosse professor, jornalista, eu ia querer ser dublador de desenho animado, de animação. Que eu acho fantástico, quando a pessoa usa a voz pra criar outro tipo de personagem. Mas eu não sou ator, não fiz tablado na minha adolescência, então não posso ser dublador, né? A legislação não permite.

Alana – Você falando de som me fez lembrar que a gente sabe que você tinha uma banda, chamada *Inimigos da Vizinhaça*.

Ricardo – Era pertinente o nome.

Alana – E eu quero saber como foi que essa banda surgiu, a relação que tinha com esse seu gosto pelo som e pelo rádio.

Ricardo – Ela surgiu quando eu entrei aqui em Letras ainda, não foi nem no Jornalismo, na Comunicação. Eu cheguei à sala de aula, as aulas do (*antigo ciclo*) básico, algumas delas eram no que hoje é o prédio da Sociologia, o prédio antigamente servia pra algumas disciplinas do básico, a disciplina de Sociologia inclusive... Eu olhando assim: "Festa estranha, gente esquisita". Todo mundo novo, ninguém conhecia ninguém, aquela coisa bem primeiro dia de aula na faculdade. Eu peguei um giz e botei lá no canto da lousa, escrevi o nome do U2 (*banda irlandesa de rock*). Pouca gente sabia quem era o U2 na época. Um colega meu, que hoje é professor lá da UFRJ (*Universidade Federal do Rio de Janeiro*), o Paulo César Castro (*disse*:) "Cara, você gosta de U2?" "Gosto." "Legal, né?" "Legal." Depois de um tempo, vai e vem discussão sobre música, vinil vai, vinil vem: "Ricardo, vamos formar uma banda?" "Vamos!" "Eu conheço um guitarrista" "E eu conheço um baterista". Ele conhecia um guitarrista e eu conhecia um baterista. "Ah, vamos juntar e ver o que acontece". E a gente começou a fazer barulho, pra incômodo e desespero das vizinhanças.

Alana – A gente tem uma imagem sua muito de transgressor, de subversivo, eu pelo menos tenho. Eu quero saber se na época da graduação você se envolveu com algum movimento estudantil.

Ricardo – Não. Não, porque acho que eu, de algum modo, imaginava, mas não sabia exatamente muito bem, que eu talvez tivesse certa simpatia pelo anarquismo, uma coisa meio anárquica. Eu sempre fui meio descrente dessa coisa de um tipo de organização social ou seja estruturada em partidos políticos, ou em grêmios ou chapas pra concorrer ao CA ou ao DA (*Centro Acadê-*

mico ou Diretório Acadêmico) na faculdade. Tanto que o pessoal sempre chegava: "Oh, colabora com a nossa chapa aqui do DA, do CA, não sei quê, vem cá". E eu: "Não, cara, não rola". Isso numa época em que o curso chegou a ter quatro chapas disputando a presidência do DA. Do DA, do CA, sempre confundo. Então, havia uma efervescência política nos anos 80 aqui dentro do curso muito forte. Você tinha realmente aquela coisa de pessoas que representavam partidos políticos, um pessoal mais ligado ao PCB (*Partido Comunista Brasileiro*), um pessoal mais ligado ao PT (*Partido dos Trabalhadores*), ligado a não sei mais lá o que, um pessoal mais de direita. O curso realmente era um microcosmo dessas relações político-partidárias da cidade dentro do espaço universitário, e isso se repetia nas disputas inclusive no DA e no CA. Mas eu, como sempre fui, assim, não sabia, acho que fui descobrir depois que era meio anarquista, eu sempre fiquei meio à margem e tal. Talvez fosse um modo de ser subversivo, né? "Ah, mas como é que você não entra..." "Não, cara, não tenho saco pra isso, pelo amor de Deus. Participar de reunião, estatuto, enfim, assembleia, tô fora." Ainda que eu achasse bacana a ideia dessa efervescência política que se perdeu muito nos últimos anos dentro da universidade.

Amanda – E o que é que mais te interessava dentro do curso?

Ricardo – Nada. Nada, assim, realmente. Eu entrei no curso, nunca pensei em ser jornalista, pensava em trabalhar com rádio, como eu falei, achava fascinante o mundo do rádio, seja da AM ou da FM. Cheguei em alguns momentos aqui a acompanhar o programa das *Garras da Patrulha*, no rádio, quando era na (*Rádio*) Verdes Mares, que tinha estúdio, as pessoas podiam assistir à gravação, seu Nezinho do Jegue (*personagem interpretado pelo ator Wilson Aguiar, já falecido, na novela O Bem Amado, da TV Globo*): "Só o burro não toma Castaniodo" (*Xarope da empresa Ravick*), o (*humorista*) Tom Cavalcante, enfim, sempre achei fascinante. E, de repente, você está num curso, a maior parte dos professores eram jornalistas, alguns poucos teóricos, e de jornalismo aprendi lide, sublide, McLuhan (*Marshall McLuhan, pesquisador canadense*), Escola de Frankfurt (*corrente teórica dos estudos de comunicação de massa*), quando eu olhava assim: "Cara, pra que serve isso mesmo, pelo amor de Deus?" Então, muito pouca coisa me seduzia no curso nos primeiros dois anos. Eu estava fazendo porque, enfim, tinha a cobrança de casa, "Você tem de fazer faculdade, você tem de trabalhar, você

A produção pensou em falar com as filhas de Ricardo, mas achou que poderia ser uma situação desconfortável para elas e não havia tempo suficiente.

tem de não sei quê". Então: "Tá, bora nessa". Não sei se eu era muito novo ainda, ou se eu tava no curso errado. O meu interesse pelo curso veio ser ressaltado mais a partir da metade do curso, da segunda metade do curso. Mas no começo eu era aquele cara da galera mesmo, do fundão, fazia os trabalhos porque tinha de fazer, não tinha nenhuma preocupação, nem pensava em ser jornalista, apesar de estar fazendo o curso de Jornalismo.

Ingrid – Quando foi que despertou essa vontade de ser jornalista e continuar trabalhando nisso?

Ricardo – Bom, tem dois momentos que eu acho que são marcantes dentro da minha trajetória no curso. Uma foi dentro de uma disciplina com o Luis Sérgio (*Luis Sérgio Santos, professor do curso de Jornalismo da UFC*), o Luis Sérgio era professor de teoria no curso, e ele pediu pra gente fazer artigos. Eu não sabia nem o que era artigo, efetivamente... Quer dizer, sabia porque tinha feito a cadeira de Pesquisa Bibliográfica com a (*professora do curso de Biblioteconomia*) Fátima Portella, vamos dar crédito a ela. E eu tive a chance de fazer sobre imprensa anarquista. E eu fiz esse trabalho com esse meu colega, o Paulo César, e um outro chamado Clebernardo, que trabalhava no Banco do Brasil, na época. A gente acabou fazendo uma espécie de outro núcleo de amizade que não era de banda, mas era de trabalho, de bico – vocês devem perguntar isso daqui a pouco, provavelmente –, e a gente fez um trabalho sobre imprensa anarquista do Brasil. Eu comecei a achar legal: "Cara, existe o anarquismo, isso aqui se aplica à imprensa". Você começa a estudar, ver a questão de como os socialistas, os comunistas italianos, os franceses, os espanhóis, como eles trazem determinadas matrizes, olhares, e visões de mundo pro Brasil, principalmente pro Sul/Sudeste, e criam as condições não só pra ter uma imprensa com viés comunista, socialista, mas também anarquista. Fui começar a ler Proudhon (*Pierre-Joseph Proudhon, filósofo anarquista francês*), fui ler uns autores anarquistas, fui começando a achar interessante essa ideia – que eu não tinha noção muito exata, mas sabia que era coisa da pesquisa – de: "Cara, um livro puxa um outro, um texto puxa um outro, um artigo puxa um outro, e você começa..." E foi uma coisa mais ou menos natural, ninguém chegou pra mim e disse: "Olha, cara, vá fazer isso aqui", aconteceu, simplesmente.

E achei legal! Depois o Luis Sérgio chegou pra mim: "Ah, cara, vamos publicar esse seu texto". Eu (disse): "Como publicar?" "Nós temos uma revista aqui", *Revista*

do Departamento de Comunicação Social e Biblioteconomia. "Quero publicar seu artigo". Eu (disse): "Tá, publica". Sempre assim muito "Tá", entreguei pra ele o material datilografado, depois de algum tempo recebi o livro, com o texto lá. "Cara, isso aqui é bacana, coisa e tal". Foi aí que, de certo modo, me despertou um pouco a coisa da pesquisa, efetivamente. Porque boa parte do curso, não sei se não incentivou a pesquisa ou se eu que não encontrei um tema que me (*mostrasse*:) "Cara, isso aqui é que é o chama", apesar de a música ter feito isso no começo do curso, mas o curso não era de música, era de jornalismo. Com relação ao jornalismo mesmo, é quando você vai chegando do sétimo pro oitavo semestre, seus pais olham, seus colegas olham, seus professores olham: "Cara, você não vai trabalhar, não?" Como eu não tinha necessidade de trabalhar, morava na Aldeota (*bairro de classes mais abastadas*), pessoal achava que era rico, que era o rico da faculdade, porque tinha gente que morava no Monte Castelo, no Montese, na Bezerra de Menezes, na Barra do Ceará (*bairros mais populares*), não sei o que, eu morava na Aldeota, pensavam "Ah, você é riquinho, né? Não precisa trabalhar, não". Eu, "Cara, não sei". mas todo mundo começou a pedir pra trabalhar e, bom, aí você começa. Tem de começar de algum modo.

E aí eu comecei trabalhando com a Roseli Pereira (*empresária pernambucana residente em Fortaleza*), *Jornal da Praia*, que era uma... Não sei, até hoje não sei se ela era empresária, madame, dondoca, mas ela mantinha um jornal voltado para o público jovem, e aí alguém indicou meu nome, também não lembro mais quem foi que indicou meu nome, que eu sou péssimo de memória. "Ah, faça alguns textos aqui sobre música, não sei o quê". "Tá". Fui fazendo, fazendo, e dali a pouco me chamaram: "Olha, você não quer trabalhar com o Ivonilo Praciano (*jornalista*), lá no jornal *O Povo*?" "Tá". "Só que o caderno é feminino, é um caderno voltado pra mulher, os problemas da mulher, você vai falar sobre doenças femininas, menstruação, não sei quê". Eu "Tá." Assim, eu já venho de um universo fortemente feminino, sei quando as mulheres vão menstruar pelo cheiro, então não tem problema. Comecei a trabalhar e passei pela imprensa feminina, de algum modo, trabalhei em caderno feminino. E fazendo matéria por ali, para o José Paulo de Araújo (*jornalista*), que fazia *O Povo Jovem*...

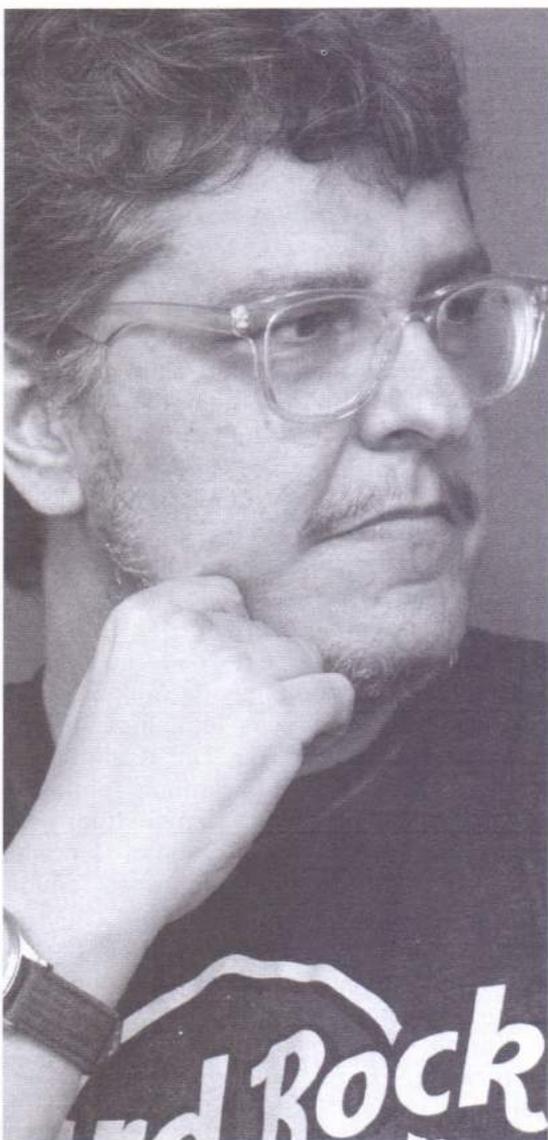
Karine – Isso no curso ainda?

Ricardo – É, 89. Eu comecei a achar legal essa coisa: "Cara, redação é bacana,

A pré-entrevista com Ricardo foi realizada numa segunda-feira, dia 12 de setembro, com os dois produtores com leves intoxicações alimentares. Ainda assim, os dois conseguiram realizar a pré-entrevista.

O local da pré-entrevista foi na sala que Ricardo divide com o professor Ronaldo e o professor Riverson no primeiro andar do bloco da Comunicação.

Isso infelizmente acarretou no esquecimento de algumas perguntas básicas como data de nascimento e nome dos pais. As perguntas restantes foram enviadas por email no dia seguinte.



Ricardo é o filho mais velho de Valdemiro Lucas da Silva (engenheiro) e Cristina de Lucena Barros (dona de casa). Tem duas irmãs mais novas, Meize Regina de Lucena Lucas e Mônica Cristina de Lucena Lucas.

“O rádio sempre me fascinou (...) ainda quando eu era muito moleque eu achava estranho: “Como é que as pessoas cabem dentro do rádio?”

redação é interessante”. Porque é muito diferente a visão de jornalismo quando você tá dentro da faculdade e quando você tá na redação. E é natural que sejam diferentes, porque são espaços diferentes com propostas diferentes. E a ideia de você ir pra redação, eu chegava lá sete da manhã, tinha todos os jornais principais do Brasil lá no – o pessoal chamava o “pau” da redação – um cavalete que tinha umas madeiras com os jornais, *JB (Jornal do Brasil)*, *Globo*, *Estado*, *Folha*. Eu achava bacana aquilo ali: “Cara, eu posso ler todos os jornais principais do Brasil antes de sair pra fazer uma pauta?” Então ficava lá lendo... Não tinha internet, vale sempre lembrar, né? E depois recebia a pauta, ia conversar com as pessoas, ir, voltar, falar, escrever – nunca tive grandes dificuldades pra escrever, graças ao professor Edson, de redação – e comecei a achar

interessante a profissão, de algum modo. Fui tomando tenência, vergonha na cara e entrando nos eixos, como deveria ser.

Amanda – Sobre esse final de curso e comecinho na redação, a gente viu no material de produção que você trabalhou um período em sindicatos e também escreveu coluna social. Eu quero saber como era trabalhar com universos tão diferentes, ou pelo menos aparentemente tão diferentes.

Ricardo – Era bom porque eu recebia dinheiro pra isso, né? Pra começo de conversa. Dava pra comprar mais discos, comprar mais roupas, enfim. Mas foi interessante mesmo até pra pensar em termos – até hoje eu tenho um pouco disso – de o que é que nós queremos dizer pros nossos alunos quando dizemos que ensinamos jornalismo? E o que é que nós consideramos como jornalismo? Quando eu estava na faculdade, 88, 89, 90, eu e esses meus amigos que eu citei, Paulo e Clebernardo, o Clebernardo chegou pra mim: “Cara, vamos trabalhar numa assessoria, o pessoal do Sindicato dos Comerciários tá precisando de uma assessoria, cara, bora lá!” Eu: “Bora, cara. A gente junta aqui, bora! Isso aqui é uma patota, né?” E fomos fazer jornal pro Sindicato dos Comerciários, depois pro Sindicato dos Vigilantes... Eu e o Paulo não éramos ligados ao movimento sindical, o Clebernardo era, era ligado ao PC (*Ricardo não lembra se era o PCB, Partido Comunista Brasileiro, ou o PCdoB, Partido Comunista do Brasil*). “Cara, vamos escrever nossa primeira matéria, que bom. Como é que é o lead mesmo? Quem, o que, onde, quando... Ah, ‘Os profissionais da categoria tal reunidos, não sei mais lá o que...’ Vamos pensar no título, como é que é o título? Sujeito, verbo, predicado, não sei quê”. Aí fizemos, entregamos muito bonitinho pro pessoal, entreguei pro Clebernardo: “Cara, isso aqui não é jornalismo. Tem de ser é cacete nos padrões!” Aí eu: “Cara, mas isso é jornalismo?” “Cara, é sindicalismo!” “Tá, é sindicalismo.” E às vezes ia trabalhar lá com o José Rangel, que tinha coluna social no jornal *O Povo*, precisava de redatores... “Ah, preciso de alguém, meu querido, pra ajudar a falar com as pessoas, com os empresários, economistas”, o José Rangel é uma pessoa muito fina, muito educada... Ah, era de boa. Assinava a car-

teira, por que é que eu ia dizer não? “Vou assinar a carteira, vou recolher FGTS (*Fundo de Garantia por Tempo de Serviço*), vou receber salário”.

Então, minha entrada no universo do jornalismo não foi pela grande imprensa. Foi fazendo *Jornal da Praia*, jornal do sindicato, coluna social, são universos muito estranhos, muito diferentes, que foram me dando a noção, essa ideia do público alvo, a ideia de que você tem de adaptar seu texto a determinados tipos de público. E no curso, a gente tinha aquela visão muito: “Vamos fazer jornalismo dentro dos padrões da imprensa tradicional”. Não que o curso não tivesse disciplina de jornalismo sindical, outras do gênero, porque tinha. Mas eram como opcionais, e eu mesmo nunca fiz disciplina de jornalismo sindical. Deve ter sido ministrada, muito provavelmente, mas era uma coisa pontual. Então, uma coisa era aquilo que a gente aprendia dentro da universidade... Visando ao trabalho da grande imprensa, e as bordoadas e lenhadas que você leva quando chega na realidade de espaços sociais muito distintos do ponto de vista jornalístico... Por exemplo, na coluna social você faz aquela notinha muito breve, no jornalismo sindical você faz um texto carregado com tintas, mais emocional, mais cheio de bravatas, efetivamente, e isso é bom porque vai destravando você em termos estilísticos e textuais. “Ah, se eu consigo escrever pra cá, e eu consigo escrever pra cá, e eu consigo escrever pra cá...” Você vai, com o tempo, vai começando a escrever pra qualquer outro canto que peça um estilo que é pertinente praquela área e praquela campo, né? Então, desse ponto de vista as experiências, por mais que fossem estranhas, de você compatibilizá-las dentro da sua cabeça, dentro da sua formação como profissional, elas foram bacanas, elas foram bastante interessantes.

Maurício – Por volta do final dos anos 90, 97 se não me engano, você acaba saindo do jornalismo de redação, de certo modo, e ingressa na UFC como professor. Quero saber como é que foi, o que motivou essa transição, se você já pensava em ser professor anteriormente. Como foi?

Ricardo – Eu sou uma ameba, né? Porque eu também nunca pensei em ser pro-

Mônica Cristina trabalha como jornalista, assim como o irmão, e Meize Regina é professora de História da Universidade Federal do Ceará, trabalhando no mesmo quartirão que Ricardo.

“Acho que fui descobrir depois que era meio anarquista, eu sempre fiquei meio à margem. Talvez fosse um modo de ser subversivo, né?”

A pré-entrevista com a esposa de Ricardo, Neila Fontenele, aconteceu na sexta-feira da mesma semana, dia 16 de setembro, na sede do jornal *O Povo*, às três horas da tarde.



Hard Rock
CAFE

NEW YORK

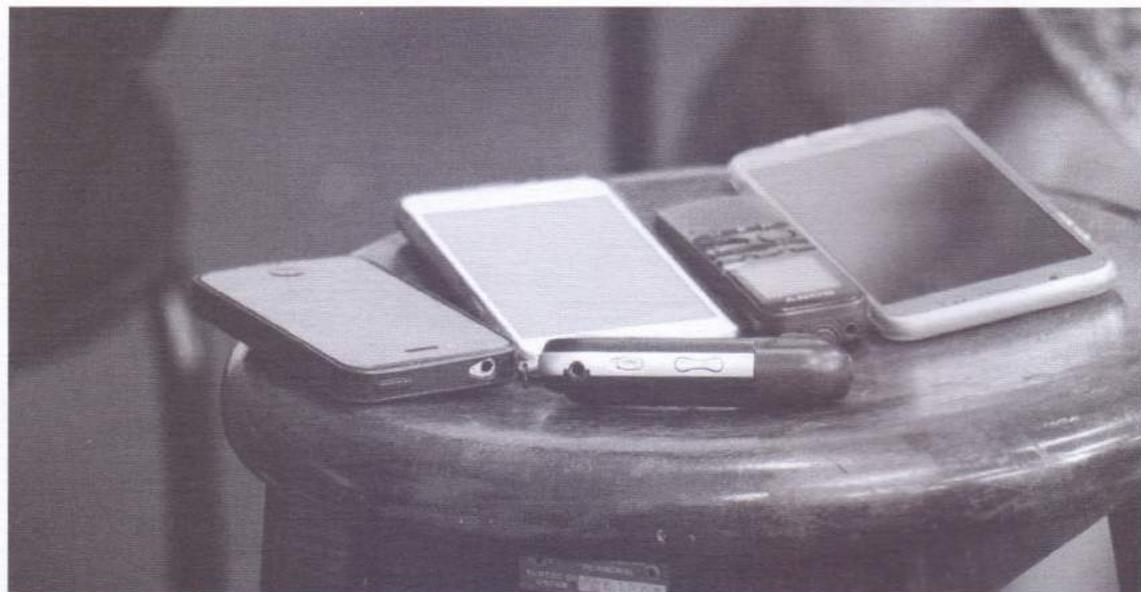
**"Eu sou uma
ameba, né? Porque
eu também nunca
pensei em ser
professor. O fato
de ter dado aula
particular de
matemática era (...)
only for the money."**



Durante a visita ao *O Povo*, Maurício e Ingrid encontraram um colega de semestre, Paulo, e Maurício reencontrou alguns colegas de redação dos pais, colegas que se lembravam dele ainda criança.

“É muito diferente a visão de jornalismo quando você tá dentro da faculdade e quando você tá na redação. E é natural que sejam diferentes, porque são espaços diferentes.”

fessor. Nunca, nunca, nunca! O fato de ter dado aula particular de matemática era, como dizia o Frank Zappa (*músico americano de rock*), *only for the money*, estamos nessa pela grana. Eu tenho de lembrar que eu levei duas demissões do jornal *O Povo*, uma em 24 de dezembro de 89, véspera de Natal, ainda era aluno de faculdade aqui, no sétimo semestre, o que pelo menos foi um grande aprendizado, né? “Não devo ter ilusões com a profissão”, efetivamente. Sem precisar ter lido Balzac (*Honoré de Balzac, escritor francês*) e as suas *Ilusões Perdidas*. E a segunda foi em 93, eu era editor do *Vida e Arte* (*caderno de cultura e variedades do Povo*), o *Vida e Arte* tinha uma coisa meio esquizofrênica, porque tinha o *Vida e Arte* semanal e o *Vida e Arte* de domingo. Era tão meio esquizofrênico que tinha uma edi-



Uma das jornalistas presentes na sala onde foi realizada a pré-entrevista, Juliana Matos (que participou da edição nº 10 da revista), disse que a entrevista teria de citar a coleção de camisas do Corinthians que Ricardo possui.

toria que fazia o *Vida e Arte* de segunda a sábado e outra editoria que fazia o *Vida e Arte* no dia de domingo, que era o pessoal que a gente chamava o pessoal da WOW, W-O-W, que era uma turma de *enfants terribles* e pessoinhas chiques que tinham saído aqui da faculdade, Norton Lima Jr., Jackson Araújo, Cláudia Albuquerque, Kiko Bloc-Boris (*jornalistas*), que tinham feito uma revista, uma revista de comportamento, uma coisa mais pop, por assim dizer, nos anos 1990 aqui na cidade, e depois foram chamados pra trabalhar e ser responsáveis pelo *Vida e Arte* de domingo. E tinha um pessoal da redação que fazia um *Vida e Arte* "Semana". Você tinha dois universos diferentes, WOW numa redação e a gente noutra, e eu fiquei um bom tempo, depois de repórter, como editor do *Vida e Arte* semanal.

Depois de algum tempo, o pessoal da WOW meio que se separou, foram aparecendo outras coisas pra eles, e eu acabei ficando como editor do *Vida e Arte* domingo. Também já estava de saco cheio, porque não tinha equipe, já era um momento de economia (*refere-se à contenção de gastos na empresa*): "Não tenho grana pra manter equipe, pede ajuda pra alguém da editoria tal". E eu já tava de saco cheio, fechando as páginas de qualquer jeito... "É essa capa?" "Bota essa merda de qualquer jeito!" "Mas pode dar merda" "Deixa dar merda, tô lá me lascando..." Lógico, logo depois veio a demissão, obviamente. Fui beber com o diagramador pra comemorar minha demissão, com o Zé Moraes. "Rica-ca-ca-cardo, vai querer beber?" "Bora, cara, bora beber que eu tô contente demais! Tô levando pé na bunda pela segunda vez!"

E nessa época eu fazia especialização em Teorias da Comunicação e da Imagem, que era um convênio que o curso tinha feito, o professor Souto Paulino, que era o chefe de departamento na época, com a Escola de Comunicação da UFRJ, com a ECO. Então, foi feita uma especialização conveniada, interinstitucional, em que vinham os professores da UFRJ dar aula pra gente. O Muniz Sodré, o Fausto Neto, o André Parente, o Milton José Pinto, depois veio a Kátia Maciel... E eu tentava compatibilizar a minha vida como editor do *Vida e Arte* com a de aluno da especialização, até que eu levei um pé na bunda... estava forçando, né? O Paulo Henrique (*Paulo Henrique Raulino, antigo chefe de redação do Jornal O Povo*): "Meu querido, eu sei que você tá fazendo sua especialização, vá lá terminar sua especialização, quando você terminar você procura a gente." E aí tava desempregado, né? E vinha pra cá todo dia, pra assistir aula. No dia

seguinte à demissão, tinha um cartazinho: "Precisa-se professor substituto de Produção Gráfica." "Cara, eu tô sem grana. Tô desempregado, não moro com os meus pais... Vamos ver o que acontece." Já tinha feito três ou quatro seleções pra substituto, tinha levado pau em todas elas, já tinha zerado, entregue prova em branco, enfim... "Já tentei quatro, cinco vezes, tento mais uma". Só tinha eu concorrendo, estudei minimamente, e meu *debut* na universidade foi dando aula pro Wilton Júnior e pro Luiz Henrique Campos, o Lucã (*jornalistas formados pelo curso*). Pra dois alunos do currículo antigo, dando aula de Produção Gráfica, sendo que os dois nunca vinham pra mesma aula. Eu dava aula particular de novo, pra um, ou pra outro, ou pra ninguém, mas nunca pros dois, nunca os dois vieram na sala. Como era pra preparar só uma disciplina pra dois alunos, eu fiquei tranquilo: "Ah, cara, isso aqui é moleza, preparar aula..." Nunca tinha trabalhado com produção gráfica, ainda que eu tivesse feito os jornais do sindicato, já tinha noção de como diagramar, pediam pra diagramar, diagramava, assim foram os anos 90, com uma régua de Python, uma coisa que vocês não devem conhecer, que é meio jurássica. E ia pras gráficas, acompanhava a entrega do material, acompanhava a impressão, então tinha uma noção de como o esquema gráfico funcionava... "Ah, vamos ver como é que rola".

Deu certo. Saí pra fazer o mestrado no Rio, voltei trabalhando no *Diário do Nordeste*, e apareceram outros concursos pra professor substituto, o professor Souto Paulino, que era uma pessoa muito bacana... "Meu menino, você não quer..." "Tá, professor. Vamos ver." Fiz a seleção, passei mais dois anos aqui como substituto até chegar a efetividade, que já é outra história.

Ingrid – Ricardo, você falou do gosto pelo rádio, mas dentro da carreira jornalística você nunca trabalhou com rádio.

Ricardo – Não.

Maurício – Desencantou-se?

Ricardo – Não, não, não me desencantei. Talvez eu tivesse medo, no fundo, de misturar instâncias. Uma coisa que eu gostava muito, eu tinha medo de transformar numa obrigação, e a obrigação tirar o prazer daquilo. Quando eu estava no *Vida e Arte*, depois no *Caderno 3 (caderno de cultura e variedades do Diário do Nordeste)*, você entra num esquema meio estranho de: "Ah, eu vou assistir a um determinado filme, ver uma peça, vou assistir a um show". Mas você não vai como mero espectador. Eu ia com um bloquinho, caneta para anotar determinadas coisas pra fazer a matéria

Neila se arrependeu da pré-entrevista não ter sido em casa, para poder mostrar fotos de família e poder contar com mais detalhes o que foi conversado na pré-entrevista.

A equipe de produção ainda tinha planos de entrevistar pelo menos uma das irmãs de Ricardo, Meize ou Mônica. Infelizmente, o tempo entre a escolha dos entrevistados e a reunião de pauta da primeira entrevista é reduzido.

A reunião de pauta foi realizada em uma quinta-feira e a entrevista em uma terça-feira, ao contrário do que geralmente acontece. Isso aconteceu devido a um compromisso do professor Ronaldo no INSS.

depois, a resenha, o que quer que seja. E você vai automatizando, meio, o teu olhar, e você vai perdendo o prazer de estar lá, só lá, o *Information Society* (banda americana de synthpop) "*I wanna know!*", tá todo mundo cantando "*I wanna know what's on your mind*" e você lá anotando! Ou o *A-Ha* (banda norueguesa de synthpop), enfim... O cara perde o tesão, de certo modo, então talvez eu tenha sempre evitado propositalmente – nunca parei pra pensar nisso, vocês que estão me provocando agora, que eu nunca tinha pensado nisso, realmente – "Deixa o rádio como um *hobby*, como um espaço bacana", o que não me impediu de passar dez anos na Rádio Universitária fazendo programa de *flashback*, né? O que acabei fazendo. Mas como jornalista, não, mesmo.

Sarah – Ricardo, agora no outro lado da moeda, você na área da docência, você disse que era uma longa história: em 1997, a gente tem o material de produção aqui e viu que você assumiu como efetivo aqui na UFC. Como foi esse início e essa efetivação?

Ricardo – Foi complicada. Eu trabalhei como (*professor*) substituto dois anos ainda e veio a efetivação, fiz concurso público. Quase que eu não passo, era o único candidato e ainda cheguei atrasado pra prova escrita. Lembro do Jesuíno (*Geraldo Jesuíno da Costa, professor aposentado do curso de Jornalismo e fundador da Oficina de Quadrinhos*): "Folgado, como é que chega atrasado?" "Olha se quiser eu não faço a prova, vou embora". "Não! Senta e faz". "Então tudo bem". E me lembro com muito carinho do Agostinho Gósson (*jornalista e professor do curso de Jornalismo, falecido em 2015*), ele trabalhou junto em alguns projetos de disciplinas aqui, de Laboratório de Jornalismo Impresso. Éramos algumas vezes eu, ele como professor de parte de impresso e ou o Silas, ou o Jarbas Oliveira como professor de fotografia. E como eu estava saindo do mestrado, eu estava muito *se achando*: "Tô vindo de um mestrado na UFRJ", todo *inchado*, aí você vem bem *inchadão*. A UFRJ na época era a referência nacional nos estudos de comunicação, de mestrado, o pessoal lá do Rio dizia. Tinha aquelas capas das *Vejas Rio*: "ECO – O grande point intelectual da cidade". "Onde se estuda da importância do berimbau na cultura baiana à aceleração de partículas atômicas". Então tinha uma estampa e eu cheguei meio *inchado* de certo modo.

E nessa disciplina eu lembro que a gente estava fazendo o lançamento de um desses jornais, conversando com os alunos ali no bar da ADUFC (*Sindicato dos Docentes das Universidades Federais do Estado do Ceará*).

E o Agostinho me puxou num canto do lado de fora do poleiro e (*disse*): "Cara, você tem que ser mais relaxado", passou um sermão bem educado para os padrões de Agostinho Gósson. E foi quando eu (*pensei*): "Eu tenho de curtir mais a docência", a docência não é aquela coisa "Eu sei mais do que você, sei mais do que o aluno", é uma coisa pra você curtir, deixar rolar e ver o que acontece, interagir com os alunos efetivamente. E foi muito bacana essa troca com o Agostinho, porque a partir dali eu disse: "A docência é uma coisa que leva para um outro modo de perceber a realidade e a relação com os alunos."

Teve uma época em que a gente não tinha, como tem hoje na UFC de uns anos pra cá, esse projeto CASA (*Comunidade de Cooperação e Aprendizagem Significativa da UFC*), de formação do professor, como é que é a questão didática, pedagógica. Você chega, passou no concurso, "Oh, te vira, vai dar aula", e ninguém avalia efetivamente se você sabe dar aula, se você tem metodologia de ensino, se o material que você prepara é adequado, a bibliografia que você levanta. Enfim, você chega lá e dá aula com base na sua experiência, no que você sabe.

Então, o Agostinho e depois os alunos me ensinaram a ser professor, de algum modo. Como eu nunca tinha sido professor antes, como substituto o que eu fazia? "Bom, vou imitar os professores que eu admirava mais", que eram o professor Fausto Neto, que é cearense e dá aula na Unisinos (*Universidade de Vale dos Sinos, no Rio Grande do Sul*) e o professor Milton Zé Pinto, que era lá da UFRJ, ele já faleceu. Porque o Fausto Neto viajava muito, ficava costurando autores, teorias, ficava maquiando e o Milton era aquele cara do esqueminha, chegava na lousa, botava todo o esquema na lousa, depois sentava e começava a falar. Eu não sei dar aula sentado, eu sou meio peru na risca de giz, tem de ficar doído rodando, não sei ficar parado. E fiquei: "Bom, se dar aula é isso vou imitar o Fausto, o Milton e ver o que acontece em sala de aula". Mas o nível intelectual do Milton e do Fausto era muito acima da média, eles tinham estudado na França, tinham estudado com Eliseo Verón (*semióticista e filósofo argentino*) e *bá bá bá*. O Agostinho que (*disse*): "Menos". E a docência começou a ser algo mais bacana de ser, e tinha de ser que agora eu era efetivo, então não queria perder o emprego. Comecei a curtir a coisa da docência, mas no começo era uma coisa meio... Tanto é que – eu não vou dizer o nome do aluno – mas em uma dessas disciplinas que seriam equivalentes a Pesquisa em Comunicação

As ideias de Ingrid e Maurício sobre o que abordar na entrevista foram aceitas prontamente pela turma, mas foi bem difícil decidir como seria a estrutura mais adequada.

um aluno levantou o braço e (*perguntou*): “Comunicação é ciência ou não é ciência?”. (*Era a*) primeira turma efetivamente, em 95, fazendo o mestrado ainda, trabalhando no *Diário do Nordeste*, eu respirei fundo, eu (*falei*): “Cara, gente muito melhor do que eu não soube responder isso até hoje, então não espere isso de mim agora, tá? Vamos continuar com a aula”. À luz de hoje eu vejo que ele estava me provocando pra, sei lá, “você é tão *inchadão*, vamos ver se você é *inchado* o bastante pra acatar minha provocação, tá?” E aos poucos as coisas vão se ajustando. Eu tenho esse débito com o Agostinho, que Deus o tenha onde quer que ele esteja.

Amanda – Quais são as principais diferenças que você observa entre a maneira em que a Comunicação era ensinada quando você ainda era estudante e como é ensinada hoje em dia?

Ricardo – É uma pergunta tão capciosa essa, né? (*risos*) Porque uma coisa é você pensar no ensino de comunicação, de jornalismo, naquela época, na condição de aluno; é outra eu avaliar hoje, num contexto completamente diferente, na condição de professor. Uma coisa que é efetiva, de certo modo, é que a maior parte do corpo docente era formada, geralmente, de experientes. Não que isso seja um problema, mas num curso que depois ia exigir a feitura de uma monografia ao final, e solicitava de você um determinado percurso teórico, acadêmico, como pesquisar, como fichar, como escrever, como preparar um artigo acadêmico... E estamos falando de uma época em que você tinha essa coisa que vocês alunos vivenciam hoje, do Intercom (*Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*)... “Ah, vou fazer um artigo numa disciplina, do que quer que seja, mando pro Intercom, apresento o trabalho”, isso era uma realidade muito distante do curso de Jornalismo. No máximo, a gente tinha alguns alunos que conseguiam ser monitores de alguns professores. Eu nunca tive bolsa nem nada, nem sabia que podia ganhar dinheiro como aluno na universidade, pra você ver como eu era tonto na época da faculdade.

O curso sempre teve uma coisa meio esquizofrênica, no sentido de “estamos formando um profissional para o mercado de jornalismo e pedimos dele uma monografia”. Também tinha a opção de fazer um trabalho prático, mas os trabalhos práticos não me seduziam... Fazer vídeo, programa de rádio não me seduziram. E hoje, a situação é muito diferente, ela é tão diferente que o jornalismo em alguns momentos –

“A docência não é aquela coisa: “Eu sei mais do que você, sei mais do que o aluno”, é uma coisa pra você curtir, deixar rolar e ver o que acontece.”

dependendo do curso, da estrutura curricular dele, o projeto pedagógico – fica meio, ou ficava meio, que em segundo plano até a nova aprovação das Diretrizes dos Cursos de Jornalismo, mas hoje você tem a possibilidade de pensar não só o jornalismo como uma prática profissional, mas como um objeto de pesquisa. Então, o pessoal que trabalhou aqui com o Jamil (*Francisco Paulo Jamil Almeida Marques, professor da Universidade Federal do Paraná*), trabalha agora com o Diogénes (*Diógenes Lycarião, professor do curso de Jornalismo da UFC*), com outros professores como o Rafael (*Rafael Rodrigues da Costa, professor do curso de Jornalismo da UFC*) podem trabalhar o jornalismo também como um objeto de pesquisa, o que pra mim não é incompatível com a prática jornalística.

Talvez tivessem que achar um meio termo dentro do curso que pudesse permitir que nem o aluno esqueça que ele está na universidade – e a universidade é um espaço que pede alguns ritos específicos, alguns textos específicos: artigos, *papers*, o que quer que seja – nem deixe o aluno esquecer que ele é, ou a gente quer que ele se torne um profissional da comunicação e do jornalismo e a gente consiga fazer com que o aluno tenha as duas formações *pari passu* (*expressão em latim que significa “ao mesmo tempo”*), sem que fique uma coisa meio esquizofrênica, do tipo: “Cara, eu sou pesquisador ou jornalista?” Tanto que na cadeira de Metodologia do Trabalho Científico, que eu estou pegando agora com o pessoal do primeiro semestre, eu tento sempre que possível mostrar para eles as semelhanças e diferenças entre jornalismo e a pesquisa, para que eles comecem a ver isso como algo natural, que tem pontos de contato, tem pontos de apoio, que as coisas não necessariamente se excluem, mas o jornalismo é uma forma de pesquisa que tem normas um pouco mais específicas que a pesquisa acadêmica, tem uma temporalidade mais curta,

Nem toda a turma pôde comparecer à reunião de pauta, mas os produtores conseguiram contatar os ausentes logo depois da reunião para explicar o que foi decidido.

A entrevista aconteceu no Laboratório de Fotografia do prédio do curso de Jornalismo da UFC, no terceiro andar, às duas e meia da tarde.

Os produtores e o fotógrafo responsável, Marcelo Monteiro, foram algumas horas antes da entrevista para preparar o cenário e a iluminação.

mais específica, tem um modo específico de redigir. Mas o pesquisador e o jornalista têm a mesma preocupação de certo modo, que é tentar compreender os fenômenos da realidade, porém dentro de categorias de apreensão da realidade diferentes. Se a gente consegue fazer com que o aluno perceba isso como algo natural, sem grandes problemas, ele vai chegar ao curso, ao final dele, sem grandes problemas.

Ingrid – Você acha que a pesquisa hoje em dia, dentro da universidade, ela é mais rica, avançou de alguma forma?

Rose – Deixa eu só complementar a pergunta dela. Como é lidar com um aluno que tá ali escrevendo monografia?

Ricardo – Tá, vamos por partes. Sobre a questão da pesquisa, se melhorou ou não na universidade, eu diria: “Sim e não”. Sim, porque você tem realmente cada vez mais gente produzindo pesquisa, e não, porque dentro dessa lógica produtivista que a gente tem na universidade hoje em dia, você se vê obrigado a pesquisar se você quiser estar atrelado a um programa de pós-graduação. Eu sei que pode parecer meio estranho estar falando isso, mas a partir do momento

em que a pesquisa deixa de ser a consequência do seu trabalho como pesquisador e passa a ser o ponto de partida... Trabalhar com pesquisa significa o quê? Eu tenho um determinado tempo pra maturar minha pesquisa, a pesquisa não é algo tão cartesiano, no sentido de: “Ah, eu comecei uma pesquisa, em um ano eu posso produzir dois artigos pra submeter pra revista científica...” Não é pra funcionar assim. E o que é que acontece? Nós não fazemos pesquisa pra publicar, mas nós tentamos publicar pra ver se achamos uma pesquisa que encaixe nas publicações. Então, você tem uma espécie de inversão de valores. Eu vejo por mim mesmo, não tenho nenhuma vergonha de dizer... “Professor, como é que você produz tanto?” “Eu não sei, cara, eu faço resumo, mando, e depois vou atrás de fazer o texto.” Parece meio louco, qual é o sentido de você fazer o resumo de algo que você não fez ainda? “Ah, cara, mas eu dou um jeito.” Então, quando você chega num nível em que você faz a pesquisa pra depois fazer o artigo, é porque algo vai mal. Mas há uma cobrança do pessoal da pós-graduação, da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pes-

“Se houvesse uma ideia de produtivismo menor na universidade, provavelmente as pesquisas seriam muito mais interessantes, teriam muito mais impacto.”



Marcelo Monteiro entrou no curso de Jornalismo na turma de 2013.2, um semestre antes da maioria da turma desta Revista Entrevista nº 37. Ingrid sugeriu chamá-lo para fotografar.

soal de Nível Superior), do coordenador: "Olha, você publicou A1, A2, B1, B2, B3, B4, ih, mas B4 não pontua quase nada, B5 não, C, C não pontua nada" (A1 até C são os níveis de excelência dos periódicos acadêmicos). Se houvesse uma ideia de produtivismo menor na universidade, provavelmente as pesquisas seriam muito mais interessantes, teriam muito mais impacto, porque elas teriam muito mais a ver efetivamente com o desejo do pesquisador de colaborar com a sociedade e com a ciência de algum modo, e não visando ao resultado, que é publicar, publicar numa revista internacional se for possível. E com relação à pergunta da Rose, que era...

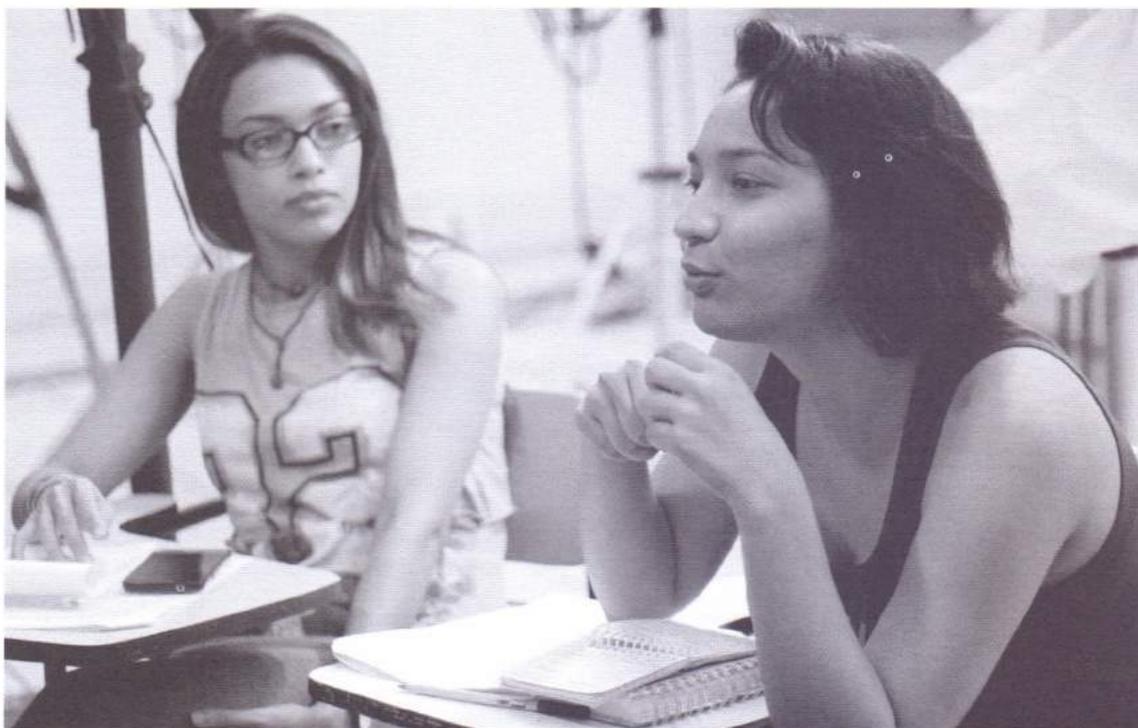
Rose – Puxando daí, as pessoas ficam muito angustiadas quando estão no período de conclusão do curso por causa do TCC ou da monografia. Então, como é acompanhar esse processo?

Ricardo – Primeiro você vira cúmplice, inevitavelmente. Não tem como o orientador não ser cúmplice e não, de algum modo, compartilhar as agruras e os sofrimentos do aluno. Orientar uma monografia e um TCC tem uma diferença muito grande. Na mono-

grafia, às vezes você tem orgulho do aluno, você vê que o aluno consegue caminhar com as próprias pernas, ele desenrola que é uma beleza e outros que você olha: "Cara, deixa eu escrever tua monografia pelo amor de Deus, se não esse negócio não sai". Bate essas angústias, porque você tem um universo muito amplo de possibilidades e você não tem como ficar fazendo vestibular aqui pra saber se você vai ser ou não meu orientando. É por isso que eu digo, se o aluno tem a coisa da pesquisa como algo natural ao longo do curso, a monografia vai ser algo mais tranquilo. Eu, ultimamente, dentro dessa minha guinada *zen*, por assim dizer, eu tenho quase achado mais interessante que o aluno faça realmente um TCC prático. Tenho batido muito nessa tecla com alguns de vocês, inclusive, de que é interessante que o TCC seja realmente fruto de uma experiência sua com a realidade e com as pessoas que você quer dar visibilidade através de um livro-reportagem. Não que você não possa fazer isso com a monografia, mas a monografia é feita de mediadores seus em relação à realidade, que são os livros, os artigos, os *papers*. Às vezes, o aluno chega e

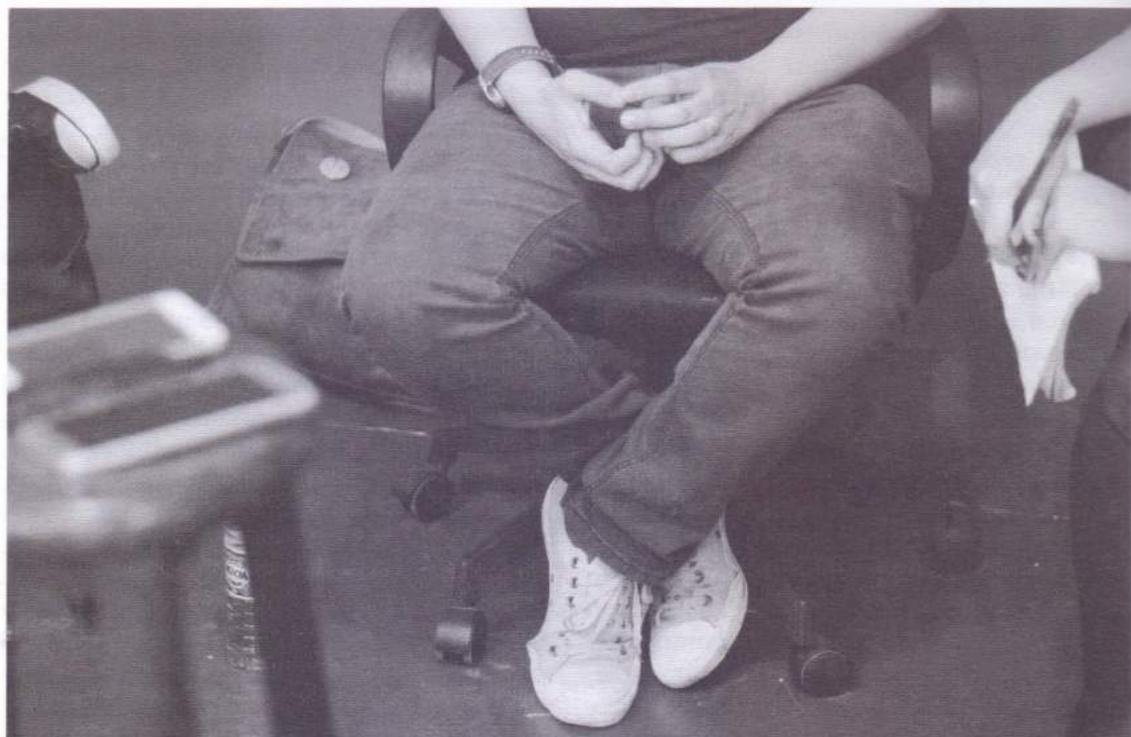
Os refletores de luz do estúdio estavam quebrados, o que rendeu um trabalho extra para Marcelo durante a entrevista, pois ele teve de adaptar a iluminação durante a entrevista.

"Quando o aluno se envolve com a realidade que é próxima a ele (...) é a possibilidade não só de fazer um ajuste de contas com aquele objeto (...), mas um acerto de contas com ele próprio."



A cadeira que Ricardo se sentou durante a captação da entrevista teve de ser emprestada da sala da UFC TV, pois nenhuma das outras cadeiras da sala era confortável.

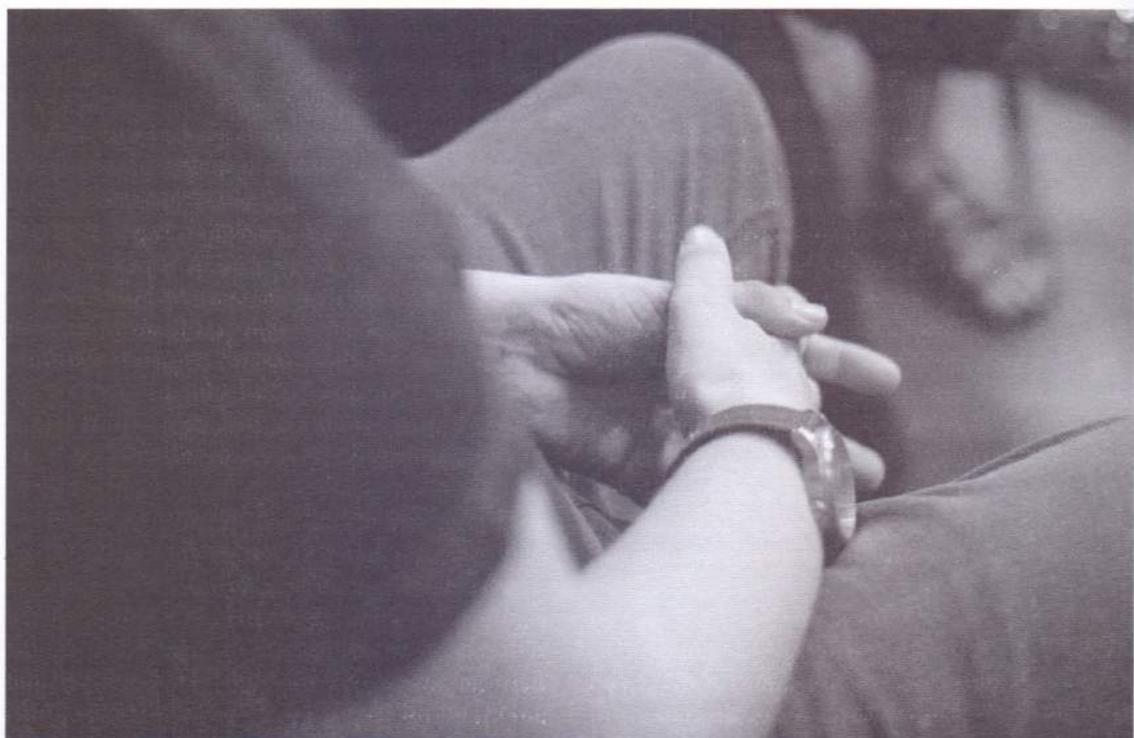
Minutos antes da entrevista, a blusa de Ingrid rasgou na manga esquerda, o que acarretou numa crise de choro, que felizmente cessou antes que Ricardo chegasse ao Laboratório de Fotografia.



diz: "Ah, eu quero fazer um trabalho sobre análise de discurso gráfico da capa da *Folha de São Paulo*". E pode fazer? Pode. Mas a *Folha de São Paulo* tá lá em São Paulo, a gente tá aqui, então é uma coisa tão desconexa da nossa realidade, da realidade do aluno, que ou ele tem uma boa justificativa pra fazer aquilo, ou ele tá fazendo porque quer dizer: "Olha, eu posso trabalhar com a *Folha de São Paulo* como objeto". Tá. É bacana, é legítimo, não vou ser contra.

Mas, quando o aluno se envolve com

a realidade que é próxima a ele, de algum modo, o gás, o pique, o tesão que ele tem é muito diferente. É a possibilidade de o aluno não só fazer um ajuste de contas com aquele objeto que ele quer analisar, que ele quer trabalhar jornalisticamente, mas de certo modo um acerto de contas com ele próprio. Aí, o trabalho dá uma virada meio freudiana. Se eu escolhi um determinado objeto pra trabalhar, é porque aquele objeto de algum modo me incomoda, me inquieta, me provoca, e eu quero compreendê-lo, porque,



Foi difícil fotografar a entrevista dado o espaço limitado que Marcelo dispunha para fotografar, por isso as fotos focaram mais nos participantes da entrevista do que no cenário.

talvez de algum modo, o compreendendo, eu compreenda a mim mesmo.

Hoje eu tenho um carinho muito maior – eu sei que é covarde eu dizer isso – eu tenho tido um carinho muito maior pelos alunos que estão trabalhando com o TCC, porque acho que o investimento de energia, de tensão é muito maior do que o da monografia. Não que o aluno não invista energia na monografia, mas é uma energia diferente. Uma coisa é eu sair lendo Charaudeau (*Patrick Charaudeau, pesquisador francês especialista em análise do discurso*), Maingueneau (*Dominique Maingueneau, pesquisador francês especialista em análise do discurso*), Nilson Lage (*professor de comunicação aposentado pela Universidade Federal de Santa Catarina*), e outra coisa é conviver com pessoas no local em que elas moram, no local em que elas vivem, com as pessoas com que elas convivem, e tendo contato com situações que eu não teria como vivenciar numa outra condição – ou talvez como antropólogo, sociólogo, não sei. Vou dar o exemplo aqui da Ana Rute (*Ana Rute Ramires, aluna do curso de Jornalismo*), no semestre passado queria... “Ah, professor, quero fazer um livro-reportagem, um documentário sobre os *hippies*.” Eu falei: “Pois, minha filha, combina com esses *hippies*, pega uma kombi, passa um mês viajando com esses *hippies* daqui até o Sul e volta.” “Mas professor!” “É. Se você quer trabalhar com os *hippies*, vá viver com os *hippies*. Vá ser *hippie*! Passe um mês como eles, e você vai ter uma noção muito clara, não do que é falar sobre os *hippies*, mas do que é ser *hippie*. Colocar-se no lugar deles para poder, a partir daí, construir um TCC, um documentário, um livro-reportagem, o que quer que seja, em que você não esteja falando como alguém que olha os *hippies* como era o antropólogo que olhava a tribo indígena: “Ah, eles” isso, “eles” aquilo, mas é um “nós fizemos isso, nós fizemos aquilo”.

Karine – No material de produção, mostra que você assumiu, digamos assim, o projeto (*A Oficina de Quadrinhos*) depois do Geraldo, a partir do momento em que você trouxe alguns bonequinhos pra sala...

Ricardo – (*interrompendo*)... Figuras de ação. *Action figures*.

Karine – Que é uma coisa que você ainda faz, inclusive, e um aluno perguntou... Como é que foi esse começo?

Ricardo – Como é que tudo começou? Eu dava aula de Pesquisa em Comunicação, e os alunos, pra pensar no tema, pra fazer a monografia, sempre tinha pelo menos metade da turma: “Ah, não sei o que escrever, tô travado, não tenho a menor ideia”. Um

dia, não sei porque, eu trouxe uns bonecos de ação na mochila: “Ah, cara, vai mexer com o boneco aqui, vai botar em posição de bailarino, de luta, o que quer que seja”, e eu vi que o pessoal ia mexendo com os bonecos de ação, botando em pose... É como se o lado inconsciente deles tivesse trabalhando enquanto eles estavam lá desligados. Alguns neurocientistas trabalham com essa ideia de que, quando você tá com um foco em um problema e não consegue resolver, se você desvia sua atenção pra fazer uma outra coisa, uma parte do seu cérebro, sua consciência, fica trabalhando até chegar em alguma solução. E eu vi que o pessoal começava: “Ah, tive uma ideia”, achei legal, e fiquei trazendo enquanto era professor da disciplina. Aí, algum aluno me viu com os bonecos: “Professor, o senhor não quer coordenar a Oficina de Quadrinhos?” Eu: “É, pode ser.” Daquele meu jeito, “pode ser.” E sempre disse: “Olha, só tem um problema: não sou quadrinista, quadrinhos eu só leio, sou um leitor muito bissexto, não tenho coleções e coleções de gibi, não sou colecionador, não sou nada. Preciso que vocês me ajudem a reativar a oficina.”

A gente passou um semestre se reunindo, eu preparando os alunos: “Como é que minimamente se dá uma aula? Dê uma aula aí”. Um deu aula sobre escotismo, outro deu aula sobre como surfar, como é ser torcedor do Grêmio. Enfim, cada um escolheu um tema pra dar aula... “Bom, se vocês conseguem dar aula sobre as coisas que vocês gostam, vocês conseguem dar aula sobre quadrinhos também, né?” Os oficineiros, como tinha batizado o Jesuíno antigamente. E, a partir daí, os deixei tocando a Oficina de Quadrinhos. “Ah, mas professor ajuda a gente, sei lá, fala sobre semiótica”. “Vou falar de semiótica pro pessoal da Oficina de Quadrinhos? É um pessoal que não é universitário...” E com o passar do tempo eu fui me interessando pelos quadrinhos de modo indireto, porque eu me afastei pro doutorado para trabalhar com infografia e algumas coisas que dizem respeito à infografia dizem respeito à questão de quadrinizar ações, decompor ações para você colocar numa infografia do tipo passo-a-passo, passo um, passo dois, passo três, passo quatro. E, ao mesmo tempo, dentro da pesquisa da tese, fui começando a procurar umas coisas de quadrinhos, já que tinha lido sobre cartografia, sobre estatística, sobre esquemas, diagramas, tinha de ler alguma coisa sobre quadrinhos também pra poder fazer a pesquisa para tese. E encontrei o livro do Scott McCloud (*quadrinista e teórico dos quadrinhos americano*), *Desvendando os Quadri-*

Um outro aspecto que dificultou o trabalho de Marcelo foi o fato de Ricardo se mexer muito enquanto fala, fazendo com que muitas fotos saíssem com Ricardo fora de foco.

Marcelo tentou fotografar o caderno do professor Ronaldo durante a entrevista, mas Ronaldo prontamente escondeu as anotações, o que fez Marcelo desistir dessa foto.

Em um momento de impasse entre os entrevistadores, Ricardo escolheu Rose para fazer a pergunta pois ela estava com uma camisa da banda Ramones e, segundo Ricardo, teria prioridade.

nhos, que era todo em quadrinhos. “Massa, coisa legal pra caramba, um livro acadêmico em quadrinhos, não escrito. Cara, isso aqui é muito legal”. E, bom, depois ele lançou mais outros dois livros sobre quadrinhos, em quadrinhos também. Eu comecei a me interessar pela bibliografia da área, fui chegando no Scott McCloud, no Thierry Groensteen (*teórico francês dos quadrinhos*), e outros pesquisadores que trabalham com quadrinhos aqui e fora, o Waldomiro Vergueiro (*fundador e coordenador do Observatório de Histórias em Quadrinhos*), o Paulo Ramos (*jornalista e membro do Observatório de Histórias em Quadrinhos*), e foi algo natural, aconteceu. Sei que tem um pessoal de metodologia que diz que você não escolhe o objeto, o objeto que escolhe você. Acho que é uma frase bastante pertinente, a gente entra numa relação de dialética com as coisas, de algum modo aquilo ali lhe convida, e você aceita o convite e você vai. E a partir daí foi uma coisa mais ou menos natural, comecei a comprar livros, livros em quadrinhos, quadrinhos, participei de eventos, orientei monografias, e, quando você vê, você já está envolvido, já tá tomando pela pesquisa.

Maurício – Os quadrinhos foram uma coisa que fazia parte da sua vida na infância. Como é que foi se reaproximar deles por esse campo mais teórico, como é que mudou a sua relação com esses produtos que já eram muito seus, de certo modo?

Ricardo – Cara, foi bacana! Primeiro porque, desde que eu me lembre de ser gente... A minha mãe diz que a foto mais antiga que tem de mim – mais antiga não, porque ela tem de quando eu era recém-nascido – mas a foto que eu me lembro, eu mais ou menos como gente, não mais neném, não mais bebê, uns três, quatro anos de idade eu devia ter, porque não usava óculos ainda na foto, é de mim com um gibi na mão, a camiseta com o Tio Patinhas emborrachado. E eu lia muito gibi... Assim como tinha muitas enciclopédias e livros na minha casa, meu pai, como estudava inglês – e era obrigado a estudar inglês, porque trabalhava numa fábrica onde só tinha ele de brasileiro, o resto era tudo americanos e japoneses –, então ele tinha de ouvir rádios americanas, ler *Time*, *Newsweek* (*revistas americanas*), e comprava muito gibi americano, também, lá no aeroporto de Congonhas ou ali pela Praça da República, lá em São Paulo. Eu ficava fascinado porque, aqui no Brasil, até hoje o padrão da Abril é aquele formatinho pequenininho, e os *comic books* americanos são maiores, a letra era maior, a retícula pulava na impressão da página... Eu olhava:

“Cara, que coisa linda”. Não entendia nada porque não entendia inglês, obviamente, né? A língua oficial estrangeira que você tinha de estudar na escola era o francês, não era o inglês, era a língua que eu estudava na escola lá no Roldão – a gente podia até sair ladrão, mas saía ladrão falando em francês. Então, eu olhava os quadrinhos em inglês... “Cara, essa história deve ser MUITO bacana, ainda que eu não entenda porra nenhuma do que é que eles estão falando”, porque tinha a questão das linhas cinéticas, de toda uma composição de quadro, e aquilo me marcou.

Depois, eu fui atrás de saber se essas histórias saíam no Brasil, comecei a comprar Heróis da TV (*revista com histórias de super-heróis publicada pela Editora Abril entre 1979 e 1988*), Grandes Aventuras Marvel começaram a sair aqui no Brasil... (*não parece ter existido uma revista chamada Grandes Aventuras Marvel. Grandes Heróis Marvel foi publicada entre 1983 e 2000, enquanto Superaventuras Marvel foi publicada entre 1982 e 1997*) Infelizmente, nunca encontrei os gibis que eu li na época. Só depois eu encontrei pelo menos um. E, com a coisa da oficina, pesquisa, você começa a construir outro olhar sobre os quadrinhos e permite até que você releia alguns quadrinhos que você já leu e perceba determinadas soluções gráficas, ou estéticas, que você olha: “Caramba, isso aqui é genial.”

É isso um pouco que eu tento trazer pra oficina, pra disciplina de quadrinhos, quando é possível de ministrar... Pensar o quadrinho como uma forma estética e artística, uma forma de expressão que tem um modo próprio de se articular e também permite soluções particulares, próprias dos quadrinhos, que não são do cinema, que não são do teatro, que não são da música ou da literatura. E acho que consegui fazer isso com um ex-aluno, que acabou nem terminando a disciplina, ele mandou um *email*: “Cara, quero lhe agradecer” “Por quê?” “Porque eu peguei meus gibis antigos e fui reler... Achei o maior barato por conta da disciplina”. Então, fiz a lição de casa direitinho. O puxão de orelha do Agostinho acho que deve ter valido a pena, provavelmente.

Alana – Ricardo, como é que você enxerga a produção de quadrinhos aqui no Ceará e como é que a oficina tem contribuído para essa produção?

Ricardo – Posso ser sincero e dizer que não acompanho muito a produção local? (*risos*). Primeiro por absoluta falta de tempo. Quando eu digo falta de tempo, é no sentido que as pessoas chegam pra mim e perguntam: “Você assiste série tal? Você assiste

Ricardo tem um relógio com os nomes dos integrantes originais da banda no mostrador e o ano do primeiro disco (1976) gravado na parte externa. Ele mostrou ao final da entrevista.

novela tal? Você acompanha gibi tal? Você leu o livro tal?" Olha, não dá, não dá. A oferta é tão grande hoje – como dizia o velho Raul Seixas (*músico brasileiro de rock*), "é tanta coisa no menu que eu nem sei o que comer" – que não dá pra acompanhar tudo, é realmente impossível. E como eu tenho adotado um lema de vida de uns anos pra cá de só usar a Internet o mínimo necessário, em doses homeopáticas, com recomendação médica, duas, três vezes por semana, mais ou menos, então eu não acompanho muito. Lógico que, às vezes, algumas coisas me chegam à mão, eu acho interessante, acho bacana. O que talvez falte seja um maior – posso estar enganado, também, já que eu não acompanho muito bem – um maior senso de organização das pessoas, não em produzir, porque muita gente produz, mas em fazer com que esse material circule de modo mais interessante. Por mais que tenha a Internet, e a Internet ajuda muito nisso, de certo modo, são muito pontuais as ideias de: "Vamos unir esforços e fazer um material"... Não que o impresso seja mais importante que o digital, não exatamente isso, mas, de algum modo, o impresso sobrevive mais do que o digital.

Na casa de vocês provavelmente vai ter livros do tempo dos seus pais, dos seus avós, mas não tem o disquete que vocês usavam há dez anos atrás. A minha filha mais nova: "O que é que é isso? Esse iconezinho aqui do (*Microsoft*) Word." "É um disquete." "O que é um disquete?" "Ah, minha filha, deixa, não precisa mais saber não,

já passou o tempo." Então, de algum modo, falta na produção local um pouco mais de arrojo, de dar a cara a tapa, de arriscar mais. Eu tomo como exemplo um pessoal que eu acompanhei alguma coisa, de Pernambuco, o pessoal do Domínio Público, que é mais ousado, pega Allan Poe (*Edgar Allan Poe, autor americano pioneiro do gênero do horror e da ficção policial*), pega Mary Shelley (*escritora e contista britânica, autora de Frankenstein*), pega Lima Barreto (*escritor e jornalista brasileiro, autor de Triste Fim De Policarpo Quaresma*), transforma em quadrinhos, faz uma releitura radical, publica, bota nas livrarias, você chega na Cultura em Recife e tá lá o material deles. Às vezes, a impressão que dá, e alguns colegas comentam, é que eles produzem muito pra si mesmos, pros próprios egos. "Olha, eu sei fazer..." Tá, cara, mas dá pra forçar mais, dá pra estender essa barreira, não pensar tanto

"Quando a gente ficou junto, eu já sabia das virtudes dela, ela já sabia dos meus defeitos, então *tava tudo organizado, tava tudo no lugar.*"



Tanto Ricardo quanto Mauricio pensavam em fazer cursos na área de exatas até a época do vestibular e acabaram por fazer um curso na área de humanidades. Nenhum deles se arrepende.

Ricardo ofereceu esfirra do Habib's, pois segundo ele falava demais e a entrevista poderia durar horas. Felizmente, não foi preciso, embora quase todos os entrevistadores tenham gostado da ideia.

Um dos colegas de semestre dos entrevistadores, Luan Carvalho, foi citado elogiosamente por Ricardo. Ao saber desse fato, Luan pediu que esse "momento de glória" dele não fosse editado da entrevista.

"Algumas pessoas dizem que a gente tem de morrer de medo das pessoas que têm certeza das próprias certezas. Eu não tenho nenhuma certeza de nada."

em termos de: "Vou satisfazer o meu ego, do pessoal que tá a minha volta, da minha galera, da minha patota", mas meter mais o pé na jaca, de algum modo.

Quando você lê um livro como o da Alison Bechdel (*cartunista americana*), não sei se alguém leu aqui, o *Você É Minha Mãe* ou o *Fun Home*, em que ela vai explicitar a homossexualidade dela, a relação dela com o pai ou com a mãe, os problemas dela em relacionamentos, e escancara tudo, tá num outro nível, outro patamar de expressão, realmente fica muito desigual. Tô pegando a Alison Bechdel como um exemplo, tem outros, mas enfim... Quadrinho não é só fazer quadrinho, quadrinho é uma forma de expressão que dá *um puta* trabalho de ser feito – pensar em roteiro, poses, diálogos, planejamento de página – mas é muito poderoso. Então, a gente tem de ter noção de que nós podemos extrair de paralinguagem, e acho que às vezes, os quadrinistas daqui – de modo geral, lógico que tem exceções, mas de modo geral – parecem que não perceberam ainda que dá pra ir mais além do que eles fazem.

Ingrid – Agora a gente vai entrar na parte mais do encerramento da entrevista, e nesse momento a gente quer falar um pouco do seu relacionamento com a Neila (*Neila Fontenele, colunista de Economia no jornal O Povo e esposa de Ricardo*). É que vocês se conhecem há praticamente 30 anos...

Ricardo – Praticamente não, há 30 anos

Ingrid – Há 30 anos, perdão. Como foi o começo do relacionamento de vocês?

Ricardo – Eu lembro da Neila quando estava fazendo o básico aqui do Jornalismo – era Comunicação, né? – na cadeira de Psicologia, passou, chamou a atenção, lembro da roupa que ela usava até hoje – eu não vou entrar nesses detalhes que são questões íntimas – e, ao longo do tempo, nós fomos amigos. Tem essa coisa que escorpiano se dá bem com libriano, não sei se é verdade ou não, e, no sétimo semestre, já no final da faculdade, rolou. E é o tipo de relacionamento que tem certa vantagem, eu costumo dizer até pros alunos, brincando, porque é um relacionamento no qual você já conhece, mais ou menos, o outro. Ninguém tem de criar

máscaras, ou botar aquela roupa que nunca usa, botar o perfume que nunca usa, pra fazer pose, pra fazer charme, pra fazer uma fachada. Quando a gente ficou junto, eu já sabia das virtudes dela, ela já sabia dos meus defeitos, então *tava* tudo organizado, *tava* tudo no lugar. É uma relação tranquila no sentido de: "Quando a gente namorava, você era assim. Agora que a gente casou, você é diferente. Antes você ia no cinema comigo, agora você não vai mais. Antes você lavava louça, agora você não lava mais", essas coisas que acontecem com certos casais, que, quando tem muita encenação pré-relacionamento, "ah, eu sou melhor do que eu pareço ser", quando você passa pra realidade sob o mesmo teto tudo muda.

Ingrid – Essa sua postura um pouco mais, vamos dizer, "liberal", influencia no jeito em que você educa suas filhas, essa postura de pai ou mesmo de marido, de estar numa relação com uma pessoa?

Ricardo – Eu acho que tem uma vantagem, talvez, que seja eu não me prender muito a nenhum tipo de convicção. Algumas pessoas dizem que a gente tem de morrer de medo das pessoas que têm certeza das próprias certezas. Eu não tenho nenhuma certeza de nada. Então, talvez isso, de algum modo, facilite. Se eu não tenho nada a me apegar em termos de visão de mundo, de ideologia, o que quer que seja, pelo menos eu acho, posso estar enganado, quem está de fora pode perceber de modo diferente... Mas como eu não tenho nenhuma grande queda, uma grande ideologia, nem grande... "Qual é a sua banda de rock favorita?" "Ai, cara, não tenho." Não tenho nenhuma banda, nunca cheguei a idolatrar nenhuma banda de rock, nacional ou internacional. "Você vai votar em quem?" "Ah, cara, sei lá. Tudo igual, nenhum deles vai me trazer o conforto que eu queria como eleitor." Então, como talvez eu não seja muito apegado a essas convicções... Não sei se é um defeito libriano ou é um defeito meu, particularmente. De algum modo, na hora que as opções surgem, elas me fazem parar, pensar minimamente e acatar, se for o caso. Com relação à vida doméstica, a vida em casa, eu tento pelo menos ser – pra ser

A equipe de produção ofereceu a Ricardo uma garrafa de água para que ele bebesse durante a entrevista. Ela só foi aberta depois do final da entrevista.

bom libriano, né? – o mais justo possível. Eu tenho aquela coisa no sentido de: “Se eu fiz comigo, se aconteceu comigo, nada mais justo que aconteça com a minha esposa ou com as minhas filhas”. É muito complicada aquela coisa do “faça o que eu digo, não faça o que eu faço”. Minhas filhas sabem que eu matava aula, que eu não era um grande aluno da faculdade... “Ai, pai, você tem coragem de dizer isso?” “Tenho, porque, enfim, é verdade. Eu não quero que vocês fiquem criando a imagem de ‘ah, meu pai era o fodão, era o rei da cocada preta’, não. Eu sou um cara falível, com uma série de defeitos, como todas as pessoas. Pra que vocês mesmas saibam que vocês estão sujeitas a terem defeitos e dificuldades na vida.” Às vezes os pais, alguns pais, nesse processo de querer dourar muito a pílula pra parecerem melhor que são pros filhos, acabam criando outro problema que é: “Eu sou tão bom pai, ou tão boa mãe, que eu posso proteger você mais do que deveria da condição de filho.” Então, de algum modo, eu só quero que a minha esposa e minhas filhas vivenciem aquilo que elas devem vivenciar sem nenhum tipo de imposição da minha parte, no sentido das escolhas. “Pai, o que eu faço pro ENEM (*Exame Nacional do Ensino Médio*)?” “Minha filha, faça o que você quiser. Eu acho que você poderia fazer isso ou aquilo, mas, enfim, a vida é sua, quem vai cursar o curso é você, se você não passar quem vai pagar o cursinho sou eu, enfim, a decisão é sua.” E eu não fico estressando minha filha, “Olha, vá se matar de estudar”, ela já tem pressão demais. A gente tem muito mais que ser o conforto dela, em alguns momentos, da minha filha mais velha, do que ficar dando lição de moral, “faça isso, faça aquilo”. A mais nova, tem de dar lição de moral ainda porque ela só tem 12 anos. Tem de ter alguma moral, porque, senão, se deixar tudo frouxo também nada faz sentido. Mas eu tento manter uma relação mais aberta possível dentro de casa. Se eu consigo ou não é outra coisa, você tem de perguntar pra elas depois. Eu só posso dar as minhas impressões.

Alana – Ricardo, voltando pro assunto que a gente interrompeu no começo da entrevista, que você disse que tem se aproximado da filosofia... É correto usar esse termo, filosofia zen?

Ricardo – Vamos chamar de prática?

Alana – Prática zen. Você tem se aproximado da prática zen. Como é que você tem enxergado o mundo agora?

Ricardo – Agora. Agora. (*risos*)

Maurício – Primeiro, como foi essa aproximação e como é que você entende...

Ricardo – Tá. Eu não tinha a menor ideia do que era o zen, ou tinha aquela visão meio equivocada de que o zen é a pessoa parar, botar a bunda na praia, na areia, ficar meio com a mãozinha assim (*Ricardo coloca a mão na cintura*), fazendo nada. Que é aquela coisa... “A ideia do zen é a pessoa muito tranquila, muito pacata”, e o zen não tem a ver com essa ideia de quietude, tem a ver com uma ideia de ação, de aqui e agora. Como é que eu descobri o zen? Já fui professor de Teoria da Comunicação e lia muito o pessoal de Palo Alto (*Instituto de Pesquisa Mental de Palo Alto*), pessoal que trabalha com uma ideia de comunicação que envolve antropologia, psicanálise, envolve um olhar interdisciplinar. E dois autores em particular falavam muito sobre a coisa do zen, o Paul Watzlawick, que era psicanalista austríaco, e o Gregory Bateson, que era antropólogo norte-americano. Eu lendo um livro sobre Palo Alto, sobre a escola desses autores, desses pesquisadores, falava muito que o Gregory Bateson tinha muito contato com o Alan Watts, que era um escritor britânico que tinha tido contato com um mestre zen, que publicou livros aqui no Ocidente, levou uma vida zen, morou numa casa flutuante ali na Califórnia, onde morreu, e dava palestras na casa dele. E como pesquisador da área de comunicação, “bom, cara, eu tô lendo aqui sobre esses autores, psicanálise, antropologia, tenho deler alguma coisa sobre o zen pra ver o que significa”. E via aquelas passagens do Watzlawick, tipo: “O discípulo chega pro mestre e pergunta pra ele: ‘Mestre, quando é que eu vou poder me tornar um mestre?’ E o mestre responde: ‘Quando aprenderes que não existem mestres.’” E eu olhava aquilo ali e ficava meio fascinado, “mas o que é que quer dizer isso?” Ou então a velha história da vaca, né? “A vaca precisa passar por uma janela. Ela passa o chifre, passa a cabeça, passa as patas, passa o corpo, mas não passa o rabo. Por que não passa o rabo?” “Porque não passa o rabo, porque não passa o rabo, sei lá porque que não

“Eu não sei dizer como é que eu sou. Eu sei dizer como é que eu ajo, (...) mas como eu sou, o que eu sou, é algo um tanto quanto complicado.”

Ao final da entrevista, Thais conversou por alguns minutos com Ricardo sobre o Santo Inácio, onde ambos estudaram. Thais também queria saber se Ricardo havia estudado com o pai dela.

Ricardo só perguntou no fim da entrevista se podia saber quem o tinha indicado ou se era segredo. A produção contou para ele, que disse ter gostado muito de ter participado.

Ao escolher as fotos que iriam sair na edição da revista, a produção e o fotógrafo notaram que Sarah e Rose saíram sérias em quase todas as fotos que aparecem.

passa o rabo." Aparentemente, isso não tem nenhum sentido, mas é próprio do zen tentar pegar um pouco essa lógica da visão do mundo. Perguntaram-me aqui pra explicar o zen, né? Precisaria de uma tarde toda pra fazer isso e não chegaria a lugar nenhum, provavelmente.

Mas o que é que o zen propõe, em termos gerais? Que só há uma meta nessa vida, que é o agora. "Agora" não no sentido egoísta da palavra, mas agora no sentido de... O passado já morreu. O começo dessa entrevista não existe mais, no máximo o registro dela. O futuro dela também, não sei onde é que tá o fim dela, porque eu não sei o ponto de corte dela, onde a gente vai parar. Então, só tenho o agora, pra começo de conversa. Se só tenho o agora, eu tenho de tentar nem criar expectativas grandes em relação ao futuro, porque eu não sei, nem criar amarras em relação ao passado porque ele não existe mais. Isso implica em quê? Se só tem agora, não tem nem passado nem futuro, a única coisa que importa num primeiro momento é você, mas "você", pensando em termos de: "Eu sou, mas eu estou em conexão com outras pessoas". E estar em conexão com outras pessoas significa – o zen não diz isso, mas a gente pode deduzir – : "Eu poderia estar no lugar das outras pessoas". É uma espécie de conexão entre o indivíduo e todas as coisas que estão no planeta, todos os indivíduos, animais, ar, oxigênio, o que quer que seja. Eu não atingi o zen ainda, tá? Tô longe disso. O zen é uma coisa que alguns descobrem, em algum momento: "Ah, cara, é isso", e a vida dela muda completamente. A minha não mudou completamente ainda. Ainda tenho contas pra pagar, preciso de dinheiro, preciso criar minhas filhas, todas essas coisas. Mas, de algum modo, a gente aprende a enxergar o mundo de outras maneiras. Uma coisa que o zen ensina, por exemplo, tá ligada à ideia do jiu-jitsu. Alguém aqui pratica artes marciais? *Jiu-jitsu*?

Amanda e Ingrid – Aham.

Amanda – Eu faço *muay thai*.

Ricardo – O *jiu-jitsu* parte de um preceito zen que diz que quanto mais força você impõe contra o destino, mais você se quebra. Ele dá o exemplo da árvore com o galho grosso que vai acumulando neve, e o galho quebra. E um galho muito fino, que não faz força, a neve vai e passa, e o galho continua lá, intacto. Que é o princípio do *jiu-jitsu*, pra quem luta *jiu-jitsu*: o cara vem, eu vou segurá-lo? Não, eu vou fazer o movimento dele continuar pra ele perder o eixo de equilíbrio dele e cair no chão. É como tentar meter um soco numa parede de papel. É inútil. Eu vou meter força mais do que

deveria pra cair no chão. Então, o zen passa um pouco por tudo isso, e ele parte de uma premissa muito forte, que é: "Você tem de ser quem você é." E pratica outras ideias do tipo: "A linguagem não explica o mundo" – por isso que vai chegar em Palo Alto, na questão da linguagem, da comunicação –, a linguagem ajuda a descrever o mundo, mas a linguagem não é o mundo. Um exemplo que os mestres zen dão: eu não posso descrever a experiência do pôr do sol pra um cego de nascença. Como é que eu faço isso? Como é que eu transmito a sabedoria zen pra alguém analfabeto, que nunca estudou sociologia, filosofia, Aristóteles, Platão, o que quer que seja? A única coisa que interessa efetivamente é o indivíduo e se o indivíduo tem de experimentar o máximo de coisas possível. Por isso eu falo da coisa do TCC, que na minha cabeça o aluno só faz sentido fazer TCC se ele quiser se banhar daquela experiência que vai fazer bem pra ele de algum modo, na relação com as outras pessoas. E, quando eu falo dessa coisa do zen, ele começa a encaixar muitas coisas em termos de lógica, de vida, de percepção da realidade... Coisas que não vão caber aqui nesta entrevista, provavelmente, mas podem ser resumidas no seguinte: "Tire do seu caminho qualquer coisa que atrapalhe sua meta". Alguns dizem: "Se o Buda está lhe atrapalhando, tire o Buda, se a igreja tá lhe atrapalhando, tire a igreja"... O zen é legal porque ele não é desse ponto de vista dogmático, em termos de uma escritura, de um templo, de um local, não. Você pode ser zen em qualquer canto. Mas eu tô num processo ainda.

Karine – Quando a gente estava falando com você, tanto os meninos da produção como a gente que faz a cadeira de TCC, a gente estava falando sobre esta entrevista, você tinha falado que poderia ser desinteressante (*os dois riem*). Eu quero saber se era um pouco de brincadeira, (*até porque*) essa experiência, como você disse, você pensou agora em algumas coisas que nunca tinha pensado antes, e se isso mudou alguma coisa.

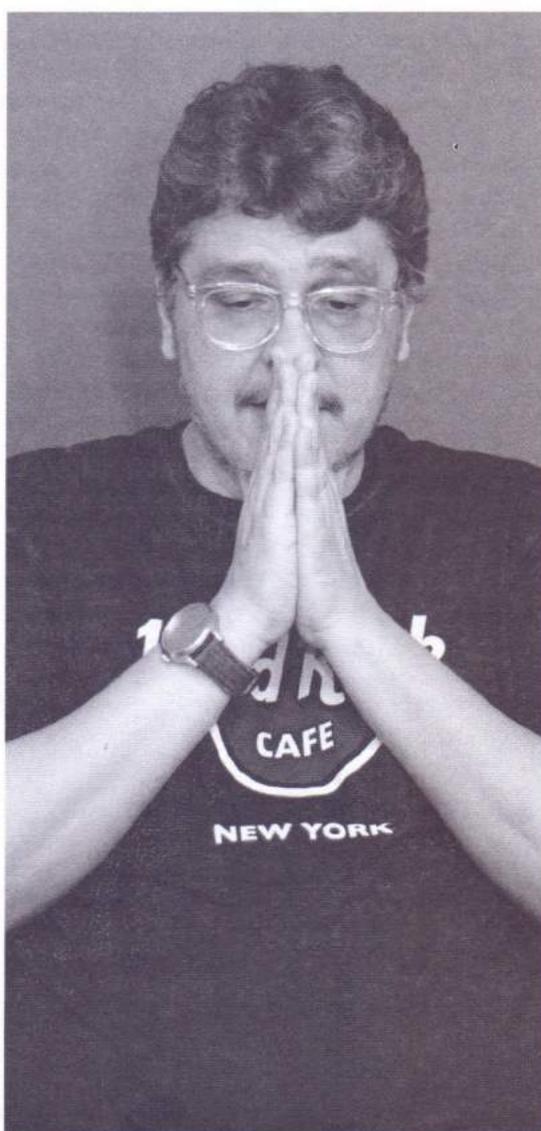
Ricardo – Lógico que muda. Porque, de algum modo, algumas provocações que foram feitas aqui significam, foram percepções de vocês que eu não tinha, por qualquer tipo de motivo, condições de perceber. Incapacidade minha, impossibilidade minha, tontice minha, não sei, né? "Como você é?" É uma pergunta que talvez seja a mais difícil de ser respondida. "Como é que você mesmo é?" Eu não sei dizer como é que eu sou. Eu sei dizer como é que eu ajo, com circunstâncias devidas ou não devidas. Mas

Maurício se surpreendeu com o conhecimento astrológico de Ricardo e a importância que ele deu ao seu signo para a construção da própria personalidade.



Uma das dificuldades que os produtores tiveram durante a decupagem foi a quantidade de citações de conversas passadas que Ricardo fazia durante a entrevista, fazendo com que o uso de aspas fosse muito alto.

como eu sou, o que eu sou, é algo um tanto quanto complicado. Falando dessa coisa de imitar vozes, a pessoa mais difícil de você imitar é você mesmo. Eu não saberia me imitar. Eu não sei quais são os trejeitos, as coisas que eu tenho, e se eu conseguiria me imitar. Outras pessoas eu imito brincando, sem nenhum tipo de problema. Então, é a mesma lógica. As perguntas, e algumas outras que não foram feitas aqui, que me problematizam determinadas percepções de mim que eu tenho preparado com respeito à vida, não são gratuitas. Vocês perceberam, por algum motivo, assim... "Ele tem uma série de coisas aqui. Ou ele não sabe ou ele não percebe, faz de conta que não sabe, não sei", mas isso faz parte do jogo da entrevista jornalística. É você extrair da pessoa mesmo aquilo que ela não sabe, pra um engrandecimento dela própria, inclusive, e de quem vai ler a entrevista também.



Ricardo acabou se tornando o orientador da monografia de Maurício. O tema dela – a reportagem jornalística em quadrinhos – fez de Ricardo uma escolha óbvia.